

UM TERCEIRO PARTIDO NOS CAMINHOS DA LIBERDADE

SOCIALISTAS BRASILEIROS NA REDEMOCRATIZAÇÃO EM 1945

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de MESTRE EM SOCIOLOGIA.

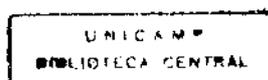
Este exemplar corresponde a redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 20/09/94



Prof. Dr. Ricardo Luiz Coltro Antunes
ORIENTADOR : Prof. Dr. RICARDO LUIZ COLTRO ANTUNES

ORIENTANDO : JOSÉ PEDRO RENZI *5/82*

IFCH / UNICAMP
1994



Agradecimentos

Ao longo de um período na vida, aos poucos vamos percebendo que sem os "outros", somos muito pouco... Agradecer nestes tempos de "barbárie pós-moderna" é muito pouco... também! Com José Castilho Marques Neto, tive o prazer de iniciar um projeto de pesquisa sobre o Partido Socialista Brasileiro.

As conversas de Castilho com Fúlvio Abramo, iniciaram este projeto. Com Alberto Tosi, tive o prazer da sua hilariante e jocosa presença. Na Campinas e seu bravo calor: Cabrera, Bia, Alexandre e Regina (mineiros), Roberto japonês, Drª Cândia, Ribas e Pansardi, algumas discussões do projeto no mestrado do IFCH.

Para terminar, agradecendo: Ricardo Luiz Coltro Antunes ou simplesmente Ricardo, professor e amigo desde 1982. Agradei a todos?

Faltaram duas: Luciane Santos e Viviane Junqueira, pelo trabalho de transcrição das fitas.

Ainda não terminou: Valdirene, Mané, Jean Carlo, João Alexandre, Pacano. Sem esta "turma de malucos", não conseguiria chegar até o fim deste trabalho. Como disse, é profundamente mentirosa, aquela carapuça que chamamos de "eu"...

RESUMO

A presente dissertação de mestrado, pretende apresentar as principais questões e polêmicas políticas do Partido Socialista Brasileiro, fundado em 24 de agosto de 1947. Pretende também, através dos depoimentos de Antonio Candido e Fúlvio Abramo, apresentar o P. S. B. como um terceiro partido ou alternativa da esquerda daquele período histórico: o Brasil posterior à 2ª Guerra Mundial.

ÍNDICE

Apresentação	I	
Notas da Apresentação	V	
Capítulo I Uma História da Esquerda Brasileira		
Pós-1945	1	
1.1 Introdução	2	
1.2 A Hegemonia do P. C. B.	4	
1.3 A política de alianças	6	
1.4 1947: os comunistas perdem o registro legal	8	
1.5 Os Socialistas e seu partido	11	
1.6 O Manifesto da Esquerda Democrática	15	
1.7 A fundação do P. S. B.....	20	
1.8 Os Antecedentes do P. S. B.	22	
1.9 A hegemonia do P. C. B. e as tentativas de implan- tação do P. S. B.	31	
Capítulo II PSB: Socialismo e Liberdade		49
2.0 O Manifesto e o Programa do P.S.B.	51	
2.1 As Posições Socialistas	63	
2.2 A estrutura política e organizativa do P.S.B.	73	
2.3 Polêmicas do P.S.B.	82	

2.4 Partido(s) Socialista(s): uma introdução	97
2.5 A luta eleitoral e parlamentar	102
2.6 O Socialismo Reformista	108
Capítulo III Qual Socialismo?	113
Anexo I: Antonio Candido: Um Clima Intelectual.....	121
Anexo II: Fotografias	150
Bibliografia	155

APRESENTAÇÃO

O Brasil é produto de seu passado colonial e escravocrata. Isto significa que no concerto das nações européias e do desenvolvimento industrial capitalista possuímos um dos aparelhos produtivos mais tardiamente constituídos. Foi somente a partir das décadas dos anos 10, 20 e 30 deste século XX que a Nação brasileira ingressou na industrialização capitalista, principalmente com a expansão dos capitais comerciais e cafeeiros.⁽¹⁾

No entanto, reconstruir uma parcela pequena da história da esquerda⁽²⁾ no Brasil pós segunda guerra mundial é entender, também, as contradições, dilemas e perspectivas da constituição, expansão ou desenvolvimento do capitalismo. É claro que a história dos socialistas, comunistas e demais tendências do movimento social e político não é mero reflexo "ideológico" desta longa história do capitalismo. As esquerdas são produto da história, das condições sócio-econômicas e culturais de determinadas sociedades, constituídas através do trabalho humano, do desenvolvimento da ciência e da técnica.

É meu objetivo pois, desenvolver uma história da esquerda no Brasil pós-45, particularmente do Partido Socialista Brasileiro (PSB), fundado em 24 de agosto de 1947, sob o lema: "Socialismo e Liberdade". Não é meu

objetivo desenvolver toda a história do PSB, seus resultados eleitorais, organizativos e políticos, mas apresentar na conjuntura pós-45 seu posicionamento, sua origem na esquerda democrática, seus principais intelectuais e quadros militantes, bem como suas possíveis divergências com o PCB, partido hegemônico na esquerda daquele período histórico. (3)

Na primeira parte, portanto, apresento perspectivas históricas para uma possível história da esquerda brasileira. Como se sabe, o Partido Comunista do Brasil, fundado em 12 de março de 1922, foi hegemônico durante décadas. Para isto produziu concepções, visões marxistas ou aparentemente marxistas, análises de conjuntura, táticas e estratégias.

Trata-se de uma história longa, cheia de subterfúgios, contradições, documentos que estão vindo à luz, posicionamentos oriundos das Internacionais Comunistas, de outros atores e outras épocas históricas ou sociais.

Mas como registrar a memória dos socialistas (do PSB), sem deixar de ver a atuação do PCB no Brasil depois da Ditadura Vargas, no Estado Novo?

Pretendo, portanto, contribuir para tirar do "limbo da história" estes sujeitos da luta política pela

democracia, pelo socialismo, por condições dignas de vida dos trabalhadores brasileiros. (4)

Entender o Partido Socialista Brasileiro (PSB), é conhecer uma pequena parte das lutas democráticas e socialistas no Brasil, sua pequena repercussão, como também sua contribuição efetiva e real para o posicionamento dos socialistas, democratas e outras tendências da esquerda no Brasil.

Neste sentido, é particularmente importante apresentar e entender os posicionamentos do PCB na "redemocratização" de 1945, bem como entender a origem do Partido Socialista Brasileiro na Esquerda Democrática de 1945-6, seus desdobramentos e sua importância histórica num País de passado colonial-escravocrata, de constituição hiper tardia do capitalismo industrial urbano. Na segunda parte, portanto, apresento as principais questões do P.S.B., entre elas a questão agrária e a campanha do Petróleo, ou em defesa do monopólio estatal do Petróleo.

Na última ou terceira parte da dissertação, apresento as concepções políticas e econômicas sobre o socialismo e me interrogo sobre qual Socialismo é apresentado pelo PSB. Seria apenas um "socialismo reformista"? Como por exemplo os "socialismos" reformistas da Suécia ou da França ou ainda do Partido Trabalhista na Inglaterra, o Labour Party?

Apresentei documentos, materiais para a reflexão histórica ou sociológica. Mas, afinal de contas, trata-se apenas de uma possível história da Esquerda brasileira pós-1945. (•)

NOTAS DA APRESENTAÇÃO:

- (1) Sobre as complexas questões do desenvolvimento e constituição do capitalismo brasileiro: MELO, J.M.C O Capitalismo Tardio, 1983. Sobre o capital cafeeiro e comercial: SILVA, S. Origens da Indústria e Expansão Cafeeira, 1983 ou ainda: CHASIN, J. O Integralismo de Flínio Salgado. Formas da Regressividade no Capitalismo Hiper-tardio, ed. CH, 1978.
- (2) Por ESQUERDA entendo aqui várias concepções políticas, teóricas e práticas que apresentam propostas para mudanças sociais, sejam elas reformistas ou revolucionárias. Não se tratando apenas dos ativistas ou quadros dirigentes do Partido Comunista, mas também dos socialistas, comunistas dissidentes, trotskystas.
- (3) Dainis KAREPOVS E Fúlvio ABRAMO, publicaram recentemente uma coletânea de documentos sobre a atuação dos "comunistas dissidentes" nos finais dos anos 20 e 30: Na contra-corrente da História (documentos da Liga Comunista Internacionalista) S.P., Brasiliense, 1985.
- (4) Sobre a elaboração de uma História do Marxismo no Brasil: João Quartim de Moraes e Daniel Aarão Reis Filho, organizaram uma coletânea de ensaios, com o

mesmo título, em 1991, o seu primeiro volume, ed. Paz e Terra.

- (5) "Terceiro Partido nos Caminhos da Liberdade", esta expressão é de Patrícia Galvão e encontra-se no artigo: Parênteses no Descaminhamento: "Voltemos ao princípio. Que o humano sobreleve o social, para o homem que trabalha com a inteligência e a sensibilidade. Que a sua ética seja determinada pelo livre exame das coisas, e que ele dê ao seu vôo a amplitude nítida de quem escreve a ordem de suas palavras e não tropece nas determinações das palavras de ordem. Seja um freqüentador das estradas da liberdade quem deseja participar da luta pela liberdade."

"Donde, portanto, entre a direita da opressão e a esquerda totalitária que emerge desses dias cinzentos, esboçar a palavra que reconduz à hierarquia dos valores perdidos, entre ditaduras e nacionalismos exacerbados, naturalizações não-escritas, em vigor somente pelos objetivos imediatos dos partidos, donde, pois, levantar-se a certeza de que é possível um 'terceiro Partido', nos caminhos da liberdade." (Vanuarda Socialista, 3 de maio, 1946) grifos meus.

CAPÍTULO I

UMA HISTÓRIA DA ESQUERDA BRASILEIRA PÓS-1945.

1.1 Introdução:

Falar em "esquerda" ou "direita" já é motivo de muitas perplexidades.¹ Sociólogos, Historiadores, Cientistas Políticos e Filósofos trataram da questão de forma enigmática ou com muitas dúvidas. Socialistas, comunistas, revolucionários, marxistas, trotskystas, social-democratas, anarquistas, radicais democratas, etc, seriam posicionamentos teóricos e práticos no vastíssimo campo da esquerda internacional. Dissertar sobre partidos políticos de esquerda é necessariamente entender estes dilemas, contradições, perspectivas, seja através de propostas reformistas ou revolucionárias. Reforma e Revolução, diga-se de passagem, seriam também dois conceitos básicos para entendermos alguns ou vários momentos históricos, políticos, partidários da esquerda no Brasil e no mundo.

Pretendia apresentar uma história da Esquerda Brasileira ou mais modestamente: uma Contribuição aos Estudos Acadêmicos Sobre a Esquerda no Brasil. Meu foco principal é entender o Partido Socialista Brasileiro, P.S.B., fundado em 1947, até o final do governo do general Dutra, em 1950.

1 GARCIA (1985). Também: COLE (1961) e DROZ (1977).

Para isto, não poderia deixar de entender, mesmo que criticamente, os posicionamentos do Partido Comunista*, Seção Brasileira da Internacional Comunista, fundado em 12 de março de 1922; com uma atuação partidária na conjuntura política de 1945, a Constituinte de 1946, a clandestinidade "forçada" em maio de 1947, o radicalismo nos anos 50.²

Não é meu objetivo entender o P.C.B., mas passar próximo deste partido, dos seus principais atores políticos, ideologias e posicionamentos: quando os comunistas irão adotar a política da "União Nacional, Paz e Democracia", conciliando com Vargas, lançando candidatura própria, de Yedo Fiúza, ex-prefeito de Petrópolis, estado da Guanabara; elegendo deputados constituintes e senador (Luis Carlos Prestes).

Neste sentido, apresentarei Uma História da Esquerda Brasileira: existirão outras, que irão narrar os comunistas, outras que irão entender os trotskystas do P.S.R., outras que irão entender a relação entre PC-PTB. e os sindicatos, assim por diante. De fato, o Partido Comunista do Brasil foi hegemônico ao longo da história brasileira, no entanto, outras tendências e organizações existiram na prática efetiva.

-
1. O P.C.B. teve o seguinte período histórico na legalidade: março até julho de 1922 e janeiro a agosto de 1927. A Lei Celerada irá impor ao Partido Comunista a ilegalidade.
 2. REIS FILHO (1990), FERREIRA (1989), NEVES(1989), RODRIGUES (1983), entre as principais pesquisas.

1.2 A Hegemonia do P.C.B.

O Partido Comunista do Brasil, seção da I.C., foi hegemônico ao longo de muitas décadas. Este fato político não é apenas uma condição política ou histórica da atuação dos comunistas no Brasil. Fundado em março de 1922, o P.C.B. teve um período de legalidade a partir de 1945.* Sua história é a história da repressão, da violência, do cárcere, do exílio, da tortura. O P.C.B. teve o seu registro legal cassado em maio de 1947, pois na sua luta árdua em prol da Democracia, da Paz, da União Nacional, da "Constituinte com Getúlio", das alianças políticas para viabilizar-se enquanto partido político de esquerda, hegemônico na história brasileira, iria ser derrotada com o ultra-conservadorismo do governo Dutra e seus aliados.³

Em 1945, o Partido Comunista do Brasil "iria sair" da prisão. Ou mais precisamente seu "cavaleiro da esperança": Luis Carlos Prestes estaria livre para assumir o comando do partido e acelerar sua viabilidade política, eleitoral, e partidária legalmente.

Prestes, teria o incidente de sua esposa Olga Benário para atormentá-lo neste ano da década de 40. Deportada para a Alemanha, grávida, o Cavaleiro iria perder

* Ver nota anterior, sobre a legalidade do P.C.B.
3. SILVA (1976); PINHEIRO (1991); CHILCOTE (1982)

sua companheira de luta. No entanto, seu partido começava a dar os primeiros passos para enfrentar a grande batalha da Assembléia Nacional Constituinte em 1946.⁴

Lançando uma candidatura própria e desconhecida, do ex-prefeito de Petrópolis, Yedo Fiuza, numa chapa já reconhecida em termos de luta política, partidária e sindical o P.C.B (ou, O Partidão) elegeu 15 (quinze) deputados para a Assembléia Nacional Constituinte e um Senador, o próprio Prestes.*

Em 1946, estariam dadas as condições políticas, organizativas, eleitorais para o P.C.B., que saindo da clandestinidade e da prisão, assumiu uma posição de destaque no cenário político nacional, como partido hegemônico da esquerda brasileira.⁵

4. VINHAS (1982)

† O P.C.B. era conhecido na época como: 'partidão'; 'campeão da Democracia', 'vanguarda do proletariado'. A bancada comunista na Constituinte de 1946 estaria assim composta: Alcides Sabeusa, João Amazonas, Crispim, Graciliano, Jorge Amado, Carlos Marighella, Arruda, Bezerra, Cláudio da Silva, Joaquim Neto, Pacheco, Abílio Fernandes, Agostinho Dias, Milton Brito, Alcides Coutinho. E o senador Prestes.

5. SOBRÉ (1984); MORAES E VIANA (1982)

1.3 A política de alianças do PCB: 1945-47

"É contra a nossa vontade que atacamos o governo" (L. C. Prestes, março 1946).

"O fim da ditadura, conseqüentemente, não seria, no Brasil, o início do regime democrático". SODRÉ (1984).

O fim da 2ª Guerra Mundial, o início da chamada Guerra Fria, a saída de Prestes da prisão, a deposição de Vargas através das Forças Armadas, a convocação das eleições em dezembro de 1945, a Constituinte em 1946. O conjunto desses fatos políticos, motivados pela mobilização popular contra a Ditadura Vargas, o nascimento dos partidos políticos, como o P.S.D., o P.T.B., entre outros, formariam uma "cultura política propícia à volta dos comunistas reunidos em torno do P.C.B."⁶.

Em 1945, o P.C.B. optaria por uma aliança ideológica em torno da seguinte bandeira: Paz, Democracia e União Nacional. Neste sentido, o P.C.B. deveria iniciar um processo político com a "Constituinte com Getúlio" participando do "Movimento Queremista". Tratava-se de viabilizar a Democracia, sem traumas ou contradições que poderiam levar o governo a uma posição ideológica "cada vez

6. SPINDEL (1980:70); CHILCOTE (1982); SODRÉ (1984).

mais à direita" ou interromper a frágil democracia brasileira. Neste sentido, afirmaria Luis Carlos Prestes: "o melhor caminho para a efetiva democratização do país não é certamente o estabelecimento pelo Ato Adicional (eleições para Presidente e Parlamento, sendo que estas não tinham um caráter constituinte). Reclamamos a convocação de uma Assembléia Constituinte, em que os verdadeiros representantes do povo possam livremente discutir, votar e promulgar a Carta Constitucional que pede a Nação.⁷

Como se depreende, Prestes e o P.C.B. estavam seguros que a "Constituinte com Vargas" e "não o Ato Adicional que convoca eleições presidenciais e para o parlamento é que iria trazer o país de volta à democracia".

No entanto, outras posições políticas também ocorreram como as pequenas organizações de esquerda, a Esquerda Democrática, pretendiam a Constituinte, livre e soberana, com um conjunto de forças democráticas reunidas em torno do brigadeiro Eduardo Gomes, candidato da UDN, PR e da Esquerda Democrática. Vargas lançaria o general Eurico Gaspar Dutra e o PCB, como já foi dito, teria candidatura própria: Yedo Fiúza.

7. CARONE (1976). Também em PRESTES: Problemas Atuais da Democracia, RJ, Vitória, 1948.

1.4 1947: os comunistas perdem o registro partidário. Ou: A Verdadeira "Democracia" Brasileira,

07 de maio:

T.S.E. cassa o registro do P.C.B.;

10 de maio:

Ministro da Justiça determina o encerramento das atividades do P.C.B.

1948: 10 de janeiro:

Mesa da Câmara dos Deputados declara extintos os mandatos dos deputados e suplentes do P.C.B.

12 de janeiro:

Gregório Bezerra, pronuncia o último discurso comunista na Câmara.

A cassação do registro legal do P.C.B. foi um ato de força. O General Dutra também iria aderir à "Guerra Fria" e, portanto, estaria a um passo para romper as relações diplomáticas com a União Soviética, fato acontecido em 1947, logo após a perda dos mandatos parlamentares e do registro partidário comunista.

A política externa do General Dutra iria sinalizar em direção ao país hegemônico no pós-guerra de 1945: os Estados Unidos da América. No entanto, isto não bastou para entendermos o porquê da ilegalidade do PCB e da Na verdade, uma longa história da luta anti-comunista em nosso

país desde a década dos anos 20, passando em 1935, na "intentona" comunista, pelo golpe do "Estado Novo" em 1937 e agora na "redemocratização" de 1945.

A História das lutas sociais no Brasil é marcada pela exclusão e repressão policial e política aos comunistas^B. O pensamento conservador-reacionário sempre teve como objetivo negar a viabilidade histórica, partidária ou eleitoral dos comunistas. A centralização do poder nas "mãos" do Executivo, em detrimento do Legislativo e do Judiciário, bem como a afirmação de um regime ditatorial, são o pano de fundo da repressão policial, da clandestinidade e da falta de liberdade ou democracia que atingiriam os comunistas (PCB), na história e na sociedade brasileira.

Para tanto, o Partido Comunista do Brasil (PCB), teve que acertar a sua política, agora na clandestinidade.

O que fazer? Tratava-se de continuar assumindo posições públicas através do semanário IMPrensa POPULAR, que antes tinha o nome de "Tribuna Popular", bem como continuar sua ação política e sindical, muitas vezes realizando alianças com o PTB no movimento operário, como demonstraram alguns recentes trabalhos, que junto com o movimento sindical que

B. A constituição e desenvolvimento do capitalismo industrial no Brasil, descartou a Democracia, em nome da Ordem e do Progresso. As Forças Armadas tiveram 'papel' preponderante na História dos golpes e 'revoluções' ditatoriais em 1937 e 1964, os militares demonstraram sua força e vocação para o Poder.

fortaleceu-se ao longo da década de 1950, com greves paralisações e assumindo posições políticas e ideológicas em diferentes conjunturas críticas do País.▼

Minha intenção, nesse breve balanço, foi descrever ou narrar o episódio da perda do registro legal do P.C.B., bem como entender a fragilidade da Democracia, da atuação da esquerda e, conseqüentemente, estar contribuindo para a construção de "uma história da esquerda brasileira" no pós-1945, em particular o F.S.B.

9. NEVES(1989); BENEVIDES(1989).

1.5 Os Socialistas e o Seu Partido: 1947

A maioria dos pesquisadores: RODRIGUES (1983), CHACON (1981), CARONE (1985), ALEM (1988), LINHARES (1982), entre os principais, são unânimes em afirmar que está na Esquerda Democrática a origem do Partido Socialista Brasileiro (P.S.B.), como já dissemos, fundado sob o lema: Socialismo e Liberdade em 24 de agosto de 1947.

Em meados de 1945, quando surgiram no Rio de Janeiro as articulações políticas em torno da Esquerda Democrática, para inúmeros jornalistas, cientistas políticos e sociólogos seria a "esquerda" da União Democrática Nacional (UDN). Como afirma CANDIDO (1986:92), este juízo e afirmação são extremamente equivocados e incorretos do ponto de vista histórico, analítico ou factual.

A Esquerda Democrática era um agrupamento político que no futuro tornar-se-ia um partido político e não tendência ou ala de uma outra organização partidária. Os intelectuais e militantes da UDS, do GRAP, da Frente de Resistência aderiram à Esquerda Democrática, apoiando a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte em 1946, bem como a candidatura de Eduardo Gomes (também apoiado pela UDN, PR) à Presidência da República.

Como assinala Antonio Candido, um dos fundadores da Esquerda Democrática e depois do PSB: "Em São Paulo" nós fizemos nome triplice, porque não era chapa da UDN. Era UDN, PR, ED, portanto, a Esquerda Democrática estava totalmente independente, porque nunca me passou pela cabeça que os cientistas políticos recentemente começassem a falar ala esquerda da UDN"¹⁰.

"Neste sentido, justificava-se o apoio à candidatura de Eduardo Gomes (UDN, PR, ED) porque "o Dutra era continuação do Estado Novo, achávamos que o candidato comunista era o stalinismo, era o perigo de apoiar Getúlio, essa linha horrível do stalinismo e oportunismo, então, apoiamos o brigadeiro Eduardo Gomes"¹¹

No entanto, se a sua força político eleitoral era significativa para a época, o PCB obteve em torno de 9,8% dos votos de um total de mais de 6 milhões, a Democracia Brasileira é que estava em perigo¹².

A conciliação das elites em torno do general Dutra, o apoio de Vargas, as "máquinas partidárias" que foram montadas no "Estado Novo" e o surgimento do PSD e PTB

10. CANDIDO (1986); CANDIDO (1992), entrevista concedida à José Pedro Renzi, transcrita a anexo à esta dissertação. Ver anexo: entrevista com Antonio Candido de Melo e Souza.

11. *Idea*.

12. CARONE (1985a); CARONE (1985b).

em 1945 levariam a um processo onde o principal inimigo seria o PCB.

Os efeitos do início da Guerra Fria, a disputa em torno da doutrina Trumann, as oscilações da política externa Brasileira levariam o general Dutra e seu governo a um rompimento de relações com a URSS, conseqüentemente a política interna seria o cancelamento do registro do PCB, pois este seria "do Brasil", "seção da Internacional Comunista" e, portanto, em ligações com a União Soviética¹³. Estavam dadas as condições para cancelar o registro legal do PCB em 10 de maio de 1947¹⁴.

A partir de 1948-50 o PCB sofreria uma mudança radical em sua orientação política. Seu perfil de um "partido da ordem democrática", seria transfigurado para um partido radical, voluntarista, anunciando a derrubada do governo Dutra e seus aliados, propondo grandes mobilizações sociais para acabar com os desmandos no País e teríamos então um "governo democrático, popular e nacionalista"¹⁵.

Em 1950, é que surgiria o "Manifesto de Agosto", com uma alteração radical da sua linha política, mas para nossa dissertação iremos descrever superficialmente esse fato político, pois não é nosso objetivo entender a

13. ALEM (1988:95).

14. ALEM (1988:95-99).

15. ALEM (1988), CARONE (1982:).

política ou mudança de orientação do PCB, mas conhecer o Partido Socialista Brasileiro, sua proposta de socialismo, ideologia, etc. Suas diferenças ou divergências com o PCB¹⁶.

16. VINHAS (1982); CHILCOTE (1982:92-97).

1.6 O Manifesto da Esquerda Democrática

A Esquerda Democrática se define como: "uma reunião de pessoas e organizações, que aceitam a declaração por ela entregue, a 12 de junho último, ao brigadeiro Eduardo Gomes, como base mínima de um partido, cujo programa será elaborado pela convenção nacional, que oportunamente se convocará"¹⁷.

Seus princípios são:

- a) Regime representativo, de origem popular, através do sufrágio universal, direto e secreto, com representação proporcional;
- b) Liberdade de manifestação do pensamento pela palavra escrita, falada e irradiada; liberdade de organização partidária, liberdade de associação, liberdade de reunião, liberdade de cátedra;
- c) Liberdade de crença e de cultos, de modo que nenhum deles tenha com o governo da União ou dos Estados, relações de dependência ou aliança;
- d) Autonomia sindical e direito de greve.

17. CARONE (1981:12).

"Conciliar o processo das transformações sociais com as exigências da mais ampla liberdade civil e política, utilizar na realização desse propósito os postulados da democracia e suas instituições - eis o objetivo político da Esquerda Democrática".

"Democrática por seu método e seus objetivos, essa corrente política é igualmente de esquerda porque sustenta, desde logo, que a propriedade tem, antes de tudo, uma função social, não devendo ser utilizada contra o interesse coletivo; e defende um programa de reforma econômica, inclusive uma gradual e PROGRESSIVA SOCIALIZAÇÃO DOS MEIOS DE PRODUÇÃO, A MEDIDA QUE A EXIGIREM AS CONDIÇÕES OBJETIVAS DO DESENVOLVIMENTO MATERIAL DO PAÍS. E TUDO ISSO COMO EXPRESSÃO, DA MAIORIA, MANIFESTADA PELO PROCESSO DEMOCRÁTICO"¹⁸.

Com reivindicações imediatas, destinadas a melhorar as condições gerais de vida do povo brasileiro, especialmente das classes média e pobre, a Esquerda Democrática pleiteia as seguintes medidas:

- a) Proteção ao trabalho, com ampliação e aperfeiçoamento da legislação vigente;
- b) Salário mínimo justo;

18. CARONE (1981:13).

- c) Salário igual para operário igual, sem distinção de idade ou sexo;
- d) Ensino público para todos;
- e) Plano nacional de defesa da saúde e assistência social ao povo brasileiro;
- f) Supressão de qualquer imposto sobre gêneros alimentícios de primeira necessidade, medicamentos, vestuário indispensável às classes média e pobre; assim como os instrumentos manuais de trabalho do operário urbano e rural, inclusive do pequeno agricultor;
- g) Plano de construção de casas higiênicas ao alcance do salário do operário, devendo ser, de ora avante empregados neste fim, recursos dos institutos de previdência e caixas econômicas;
- h) isenção do imposto de renda até um mínimo correspondente à manutenção de uma existência digna e eficiente, tomada como padrão a vida da classe média;
- i) fixação das aposentadorias e pensões em quantia nunca inferior ao salário mínimo;

- j) abolição de qualquer imposto ou taxa sobre pequenos vendedores ambulantes de combustíveis e sobre as tendas de artesanato;
- k) redução do imposto para pequenos comerciantes;
- l) industrialização e desenvolvimento das forças produtivas do país, abrindo perspectivas ao trabalhador e ao emprego de capital por iniciativa particular, tendo em vista a libertação da economia nacional das formas de exploração colonizadora;
- m) organização da economia agrária, segundo as circunstâncias peculiares da região, mas inspirada sempre no propósito de criar para a população rural condições que lhe proporcionam real elevação do nível de vida;

É neste contexto social e político, que a candidatura Eduardo Gomes "nascida de um movimento de opinião nacional, apoiada por forças tradicionalmente opostas à ditadura é cercada, por isto mesmo, da confiança de todos os que tem batido os desmandos da situação inaugurada a 10 de novembro de 1937, abre ao país perspectivas da mais sincera restauração democrática."

Assim, "quando ela surgiu espontaneamente do seio do povo, como um anseio das almas livres e antes que a União

Democrática Nacional se houvesse constituído, os homens que formam a Esquerda Democrática, aceitaram-na, desde logo, porque representava, por si mesma, o programa de democratização do Brasil e do repúdio total ao ditador de 10 de novembro de 1937."¹⁹

Desse modo, concluía o manifesto da Esquerda Democrática, assinado em 24 de agosto de 1945 no Rio de Janeiro pelos principais intelectuais e ativistas políticos da época, entre eles: João Mangabeira, Domingos Velasco, Hermes Lima, Edgar Castro Rebello, Rubem Braga, José Honório Rodrigues, Guilherme Figueiredo, Paulo Emílio Salles Gomes, José Lins do Rego, Sérgio Buarque de Hollanda.²⁰

Em São Paulo, assinam o Manifesto e fazem parte da Comissão Estadual "provisória": Antonio Candido de Melo e Souza, Germinal Feijó, Sérgio Milliet, entre os principais. Como dizia o Manifesto da "Esquerda Democrática" em seu final: o tempo urge, o mundo se transforma e os privilégios estão a ruir.²¹

19. Grifos meus.

20. Os manifestos da Esquerda Democrática, União Democrática Socialista, foram publicados por CARDONE (1981:17). Também o Manifesto-Programa do PSB foi publicado por CARDONE (1981).

21. CARDONE (1981:13-16).

1.7 A Fundação do Partido Socialista Brasileiro (PSB)

Em 24 de agosto de 1947, em convenção realizada no Rio de Janeiro, foi fundado o Partido Socialista Brasileiro, sob o lema: Socialismo e Liberdade.²²

Como afirma COSTA (1954), O PSB é produto de várias correntes do pensamento político moderno: democratas, socialistas reformistas, marxistas, ex-trotskyistas, antigos militantes do PSB em 1932-34, católicos simpatizantes da esquerda como Domingos Velasco, socialista e democrata, democratas de esquerda (moderada), como jurista Hermes Lima, ou ainda marxistas, anti-stalinistas como o crítico literário, bastante jovem na época: Antonio Candido de Mello e Souza.²³

A mudança de nome de "Esquerda Democrática" para Partido Socialista Brasileiro não foi um acontecimento tranqüilo ou sem polêmicas. Como narra ALEM (1988:51): "instalada a constituinte, já em plena vigência do decreto 9070, que limitava ou anulava o direito de greve, realizou-se a 1ª convenção nacional da Esquerda Democrática, em abril de 1946, no Rio de Janeiro".²⁴

"Estiveram presentes cerca de 160 delegados representando núcleos de 11 Estados. A Vanguarda Socialista

22. CARONE (1985a:322-23).

23. ALEM (1988:42), CANDIDO (1992), COSTA (1954:).

24. MARANHÃO (1979:).

lista as delegações de São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia, Sergipe e Rio Grande do Norte."

"(...) A delegação de São Paulo 'composta por' Arnaldo Pedrosa D'Horta, Antônio Costa Correa, Febus Gikovate, Lourival Gomes Machado, Paulo Meinberg, Sérgio Milliet, Azis Simão, levava à convenção uma extensa proposta de programa que acabaria sendo derrotada num ponto básico e elementar, por ela o novo partido se chamaria 'socialista brasileiro'".

"A comissão de propaganda acolheu a idéia por 18 x 04, mas em plenário prevaleceu a velha denominação (de 44 x 30). A questão do divórcio acabou por ser retirada do programa, face aos protestos de Domingos Velasco, que ameaçou deixar o partido em nome de sua fé católica".²⁵

O partido assume, pela fala de seu presidente João Mangabeira, o referencial do Labour Party (Partido Trabalhista Inglês), "como modelo mais próximo com outras organizações". O 'Manifesto' de agosto de 1945 acabaria sendo mantido como programa partidário.²⁶

25. ALEM (1988:52).

26. Idem.

1.8 Os Antecedentes do PSB

O Grupo Radical de Ação Popular (GRAP) surge em meados de 1942, em torno do intelectual Paulo Emílio Salles Gomes, que depois iria ser um dos principais críticos de cinema e um dos fundadores da cinemateca no Brasil, reuniam-se jovens interessados em discutir política, cultura, tirar manifestos e apresentar propostas contra o regime ditatorial "Estado Novo".

Eram os militantes: Antonio Candido, Paulo Zingg, Germinal Feijó, Antonio Costa Correa, Eric Chaskes*, que possuíam idéias socialistas sempre em favor da Democracia, com enormes simpatias pela Revolução Russa de 1917, mas já com críticas á política desenvolvida por Stálin. O GRAP tomava posições contra o Estado Novo, em favor da entrada do Brasil na Guerra e a defesa de uma "civilização democrática".²⁷

Posteriormente, em 1943-44, esse mesmo grupo de jovens intelectuais e ativistas, iriam se reunir em torno de uma pequena organização conhecida como "Frente de Resistência". O seu "ante-projeto" encontra-se no arquivo

† Eric Chaskes foi o fundador da POLOP (Política Operária) no Brasil. Com Antonio Candido editavam o jornal: Política Operária, contra a ditadura Vargas, entre 1942 e 45.

27. CANDIDO (1986:27); CANDIDO (1987), também artigo sobre Paulo Emílio em: Cadernos CENAP, 1985: "Socialismo e Inconformismo"

Edgar Leurenroth, UNICAMP, no inventário do militante socialista Hermínio Sachetta. 28

O "Ante-projeto do Manifesto da Frente de Resistência" iniciava com o seguinte teor "O Estado Novo implantado por Getúlio Vargas, com o auxílio do integralismo e a cumplicidade de largos setores das classes conservadoras representa historicamente um supremo esforço de consolidação das oligarquias que sempre se opuseram ao progresso do Brasil".

A ditadura seria a "expressão de domínio do latifúndio, dos banqueiros e dos monopolizadores do comércio e da indústria. Para mantê-la foram empregados os métodos da violência e da corrupção do fascismo europeu".

O golpe de 10 de novembro (que estabeleceu a ditadura de Vargas) foi recebido com resignação e desinteresse, pois a nação não possuía mais uma vez um regime democrático autêntico e os trabalhadores, a classe média e os intelectuais estavam moral, política e ideologicamente desarmados, pois não se interessavam pela defesa de um regime que lhes negava os direitos democráticos". A resistência da esquerda foi praticamente nula: "os agrupamentos clandestinos da esquerda, divididos em lutas internas e enfraquecidos pela repressão de 35²⁹,

28. PINHEIRO e DEL ROID (1990). Vários intelectuais analisam a atuação política de Hermínio Sachetta. Seus escritos e comentários estão em: O Caldeirão das Bruxas, SP, Pontes/Unicamp, 1991.

29. Brifos seus.

nada puderam fazer. O movimento democrático dos moços, iniciado em defesa da república espanhola e no combate ao integralismo, começou a combater o Estado Novo, ligando depois de iniciada a Guerra, a campanha contra a ditadura à mobilização da opinião em favor das nações democráticas".

O que foi o movimento de combate à ditadura: narra o manifesto da Frente de Resistência, "ampliou-se e transpos o âmbito universitário. Os estudantes estabeleceram contatos com os trabalhadores e começaram a estudar os problemas sociais, a adquirir experiência política e a afastar o seu pensamento numa unidade cada vez mais sólida, que foi assumindo características próprias em relação às demais correntes de oposição ao Estado Novo".

"(...) Muitos dos seus aderentes já estavam unidos a 9 de novembro de 43, quando a polícia do Estado Novo matou o comerciário Jaime da Silva Teles e outros populares."»

Estes eram os soldados da "Frente de Resistência", grupo político que entende não ser o problema do Brasil apenas a volta ao regime anterior a novembro de 1937. Eram elementos de variada origem política, alguns procedentes das tradicionalis correntes de esquerda que desejaram romper as limitações de um sectarismo ortodoxo e da luta das facções e

30. Grifos meus.

outros, que vindos do liberalismo, não encontram nos antigos partidos a visão justa dos problemas brasileiros.³¹

"(...) a Frente de Resistência se encontra na esquerda. Constituídos em agrupamento esquerdista, isto é, que se bate pelo socialismo, somos independentes das tradicionais correntes da opinião esquerdista do Brasil."

Ainda: "na hipótese de surgir no futuro um partido nacional de esquerda com suficiente democracia interna podemos integrar-nos em suas fileiras, desde que seja assegurada a prática de processos políticos democráticos." No entanto, " se não houver condições para tanto, poderemos participar da organização de um partido nacional nitidamente progressista, nele atuando como ala esquerda".³²

"Como terceira hipótese, consideramos a possibilidade de nos constituir mais tarde, como os agrupamentos semelhantes de todos os Estados, com os quais mantém estreito contato, num grande movimento nacional, que poderá tomar a forma de um partido político."³³ Porém, em qualquer situação a Frente de Resistência será, na sua ação política, defensora e representante dos direitos das

31. Vindos do liberalismo: Luis Arrobas Martins e Paulo Zingg, que Antonio Candido chama de um 'tenentismo de esquerda'. Paulo Zingg foi dissidente do Integralismo. Consultar entrevista com CANDIDO, anexo à dissertação.

32. Brifos meus.

33. Brifos meus.

aspirações da classe média e do proletariado dos campos e das cidades"

O Ante-projeto da Frente de Resistência apresentava um "programa político-social", com as seguintes reivindicações:*

- 1º) Desenvolvimento econômico, liquidação dos latifúndios improdutivos, assistência aos pequenos produtores;
- 2º) Controle estatal do crédito, dos transportes, dos serviços de utilidade pública e das indústrias básicas;
- 3º) Elevação do nível econômico, sanitário e cultural das massas populares.
- 4º) Estruturação democrática dos Estado, com ampla participação popular, por meio de um regime representativo e de controle do executivo;
- 5º) Descentralização administrativa. autonomia municipal, aumento das dotações municipais e reforma do sistema bancário;
- 6º) Revisão da legislação civil;

1. Ante-Projeto da Frente de Resistência, p. 5. Arquivo Edgar Laurenroth, IFCH, UNICAMP.

79) Combate ao imperialismo e às influências econômicas e políticas suscetíveis de entravarem o desenvolvimento econômico.

"Apoiados pelas forças renovadoras do País, levaremos esse programa à Assembléia Nacional Constituinte".

A Frente de Resistência participará da "coligação das forças liberais e esquerdistas contra o Estado Novo e apela para uma união democrática contra a ditadura." Conseqüentemente, a "Frente de Resistência apóia a candidatura de Eduardo Gomes" e "a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte e da restauração das liberdades políticas"³⁴

Para encerrar, o 'manifesto da Frente de Resistência', irá apresentar as seguintes 'reivindicações imediatas':

- 19) Derrubada de ditadura, anulação da Carta de 37, do Ato Adicional e convocação da Constituinte. Direito de voto à todos os brasileiros;

- 20) Anistia ampla e irrestrita, inclusive para Luis Carlos Prestes;

34. Ante-projeto da Frente de Resistência, grifos meus. Arquivo 'Edgar Leurenroth', IFCH, UNICAMP. (Inventário: Herminio Sachetta)

- 39) Liberdade de imprensa, de reunião, de associação, de organização partidária. Abolição do DIP, dos Deios e Tribunal de Segurança Nacional;
- 49) Liberdade e Autonomia Sindical;
- 59) Melhoria da Legislação Trabalhista. Justiça gratuita para os trabalhadores. Extensão da legislação social ao campo;
- 69) Ajustamento dos salários ao custo de vida e conversão do abono em salários;
- 79) Medidas anti-inflacionárias e estabilização da moeda. Medidas contra a especulação e mercado Negro;
- 89) Instituto único da previdência; garantia aos aposentados e beneficiários o salário mínimo;
- 99) Ensino gratuito e obrigatório no primário;
- 109) Ampliação dos serviços de assistência sanitária;
- 119) Apuração da origem das fortunas dos funcionários da ditadura, principalmente da coordenação das comissões de abastecimento.

Desta forma, é com "esses propósitos que a Frente de Resistência se apresenta ao povo brasileiro, aos trabalhadores e à mocidade, assim como às forças de oposição democrática nacional. Concitamos as forças novas do Brasil, a mocidade das fábricas e das escolas, os intelectuais e os profissionais liberais, todo o povo, a formar conosco a grande cruzada democrática pela destruição da ditadura de Getúlio Vargas 35

O anteprojeto da "Frente de Resistência", foi aprovado em 7 de abril de 1945 em São Paulo.

O Comitê Executivo Provisório era assim composto: Antonio Costa Correa, Antonio Candido, Carlos Engel, Cory Porto Fernandes, Germinal Feijó, Israel Dias Novaes, José Bonifácio Silva Jardim, José Bonifácio Nogueira, Luis Arrôbas Martins, Luis Soares, Paulo Emilio Salles Gomes, Paulo Zingg, Roberto Costa de Abreu Sodré, Rômulo Fonseca e Wilson Rahal. Seriam os suplentes: Celso Galvão, José Abreu, Benjamin Pereira, Luis Carvalho, Renato Sampaio Coelho.

Como se verifica a Frente de Resistência, daria os primeiros passos para a luta dos socialistas em prol da democracia, do fim do Estado Novo e para que o conjunto das reivindicações imediatas fossem asseguradas, nas amplas liberdades democráticas, políticas e partidárias.

35. Idea, grifos meus.

é do interior da "Frente de Resistência", que se irá aglutinar o futuro núcleo da secção paulista do Partido Socialista Brasileiro (P.S.B.), este núcleo fortemente marcado pelas presenças de Antonio Candido, Germinal Feijó e Paulo Emílio Salles Gomes, formaram uma "tendência" que ao longo dos anos se contrapôs as posições políticas e ideológicas "moderadas" de João Mangabeira, Vellasco, Dante Costa, Hermes Lima, membros efetivos da futura direção Nacional do P.S.B..³⁶

No ano de 1945, nascia um novo agrupamento, futuro núcleo partidário, a União Democrática Socialista. No arquivo Edgard Laurenroth, da Unicamp, encontra-se no inventário "Herminio Sachetha", o boletim interno número um, datado de julho de 1945. Segundo CANDIDO em várias entrevistas (1986, 88, 92), o manifesto da União Democrática Socialista foi redigido e elaborado com a forte influência política de Paulo Emílio Salles Gomes. Sua importância histórica e política é que em torno da UDS iriam se definir posições muito claras para estabelecer a luta contra o "Estado Novo", a posição de um "socialismo independente" e uma crítica à hegemonia política stalinista, em vigência.

36. CANDIDO (1987 e 86), ABRAMO (1987), LIMA (1977), MANGABEIRA (1979).

1.9 O Manifesto da U.D.S.

A União Democrática Socialista possui "fisionomia própria", assim iniciava o Boletim Interno, nº 1 de julho de 1945. A U.D.S. "distingui-se nitidamente das correntes políticas de esquerda tradicionais em nosso meio. Ela almeja exercer o papel de um autêntico partido socialista independente, que esteja liberto quer das coações resultantes da submissão passiva aos interesses da política exterior de um outro país, quer dos preconceitos subseqüentes à aplicação mecânica em nosso meio das experiências e dos ensinamentos do movimento socialista de outros países, quer das tentações de acomodação dos princípios do socialismo revolucionário às injunções da democracia burguesa.³⁷

A U. D. S. iria se distinguir do Partido Comunista do Brasil "essencialmente porque a tarefa que se impõe, de partido do proletariado e da classe média está sujeita as conveniências variáveis da política exterior da União Soviética. (...) A União Soviética é uma conquista socialista do proletariado mundial, mas não entende que um eventual acordo da URSS com a Alemanha nazista deva transformar em nazistas os socialistas dos países capitalistas, nem que um ocasional acordo da URSS com os Estados Unidos e a Inglaterra deva fazer cessar a luta anti-

37. Os grifos são meus. O manifesto da U. D. S., também se encontra no Arquivo Leurenroth (Inventário Herminio Sachetta). IFCH, UNICAMP.

capitalista dos trabalhadores dos países ocidentais; nem que um possível acordo da URSS com o Brasil transforme o governo de Getúlio em democrata e obrigue os trabalhadores brasileiros a submeterem docilmente à exploração de um burguesia que tem tudo de retrógrada, e nada de progressista."

A U. D. S. distinguia-se dos trotskystas, reunidos na época em torno do P.S.R., "essencialmente porque entende que a divergência Stálin-Trotsky é muito mais um capítulo da história da revolução bolchevique russa do que um ponto de doutrina que deva orientar a atividade de todos os socialistas nos países ainda submetidos ao regime capitalista." A U.D.S. "não subscreve as acusações caluniosas de quinta colunismo e nazismo levianamente assacadas aos trotskystas - mas também não entende que a história da revolução russa deve se repetir obrigatoriamente em cada país, nem que devemos ficar presos a discussões acadêmicas sobre pontos da história em prejuízo da atividade prática. Para a U.D.S., também são errôneas, falsas e prejudiciais, tanto a campanha de difamações aos trotskystas, como a obsessão anti-stalinista destes, que os acaba reduzindo a simples ecos contraditórios um dos outros - em exclusivo benefício dos fascistas e exploradores do povo."³⁸

38. Sobre o P.S.R e o jornal Orientação Socialista: FERREIRA (1989). O autor pesquisou as vicissitudes da política trotskysta no Brasil pós-45.

1.9.1 A UDS E O PCB:

"Nossa divergência com o P.C. não consiste apenas em pontos de vista diversos em relação aos processos de democratização do Brasil e a luta eleitoral na atual conjuntura política." A U.D.S. faz uma avaliação sobre o P.C.B.: "sua política é idêntica a que vem sendo seguida pelos Partidos Comunistas de outros países.(...). Os materiais de propaganda comunistas do Uruguai, Chile, da Itália, dos Estados Unidos para ter-se a certeza disso".³⁹

A linha política do P.C.B é a seguida pela "Terceira Internacional. Ela sofre uma deformação que subsiste, apesar de ter sido dissolvida a Terceira Internacional, desde 1942, deformação essa que leva os P.Cs a tomarem posições contrárias aos próprios princípios doutrinários básicos dos comunismo e do socialismo. A linha política deles passa a ter como ponto de referência básico, quase que exclusivo, não as necessidades do proletariado e as relações de força de classe e peculiaridades do próprio país, e sim a política exterior da União Soviética. Os acordos que a URSS foi levada a fazer com os países capitalistas em Teerã, Itália e São Francisco, devido à

39. Manifesto da U.D.S.

guerra e às necessidades de paz e da reconstrução do pós-guerra. (...)"

Para a U.D.S., os P.Cs "pregam a colaboração do proletariado com a burguesia, em todos os países que participaram desses acordos ou entraram na guerra ao lado das Nações Unidas." Para isto, os dirigentes dos P.Cs "procuraram justificativas teóricas, alegando que a burguesia dos países capitalistas que participaram da guerra contra a Alemanha nazista, colaborando direta ou indiretamente com a União Soviética, se torna "progressista" e que em função dessa situação o capitalismo sofrerá profundas transformações, exigindo-se, assim, do proletariado, a renúncia à luta de classe, por meio de uma política de "União Nacional" e de "pacificação" interna." Conseqüentemente, "qualquer luta aberta contra os governos desses países, mesmo os mais reacionários, passou a ser classificada pelos P.Cs como "provocação", aventureirismo ou coisas semelhantes."⁴⁰

O P.C.B analisa criticamente o Manifesto da U.D.S.: "tanto na fase da ilegalidade, quanto a ditadura getulista estava no apogeu da sua força, como na fase atual de legalidade, vem seguindo essa linha geral. Ela baseia sua ação política essencialmente na política externa do governo

40. Os grifos são meus. Manifesto da U.D.S., op. cit.

soviético e não nas necessidades do proletariado brasileiro e nos princípios básicos do marxismo que, aplicada condições internas do nosso país lançam as bases para um poderoso movimento socialista."⁴¹

Para a U.D.S é preciso viabilizar um processo político, é preciso que o P.C.B. adote uma " posição firme contra a ditadura fascista e contra a burguesia nacional que tanto e tão impiedosamente tem explorado a massa trabalhadora e colaborando na manutenção do fascismo estadonovista."⁴²

Assim, a política do P.C.B. de "união nacional", "pacificação", de colaboração com a burguesia que é "qualificada falsamente de "progressista" e de vacilações diante da ditadura getulista (...) "só pode levar a fracassos desastrosos."

Neste sentido, assinala o Manifesto da UDS:

Com a perda de "entusiasmo e combatividade do operariado todas as organizações de esquerda e em primeiro lugar o partido comunista ficarão extremamente enfraquecidos diante das forças reacionárias." No entanto, para a U.D.S.: a divergência com o P.C. não os levaria, entretanto, a abrir luta central contra ele, à semelhança do que fazem os elementos trotskystas.⁴³ A legalidade conseguida pelo

41. Grifos meus.

42. Ideia.

43. Ideia.

partido comunista foi sem dúvida uma vitória sobre as forças reacionárias porque quebrou o velho "tabu" do "fantasma comunista", contra os ataques dessas forças reacionárias defendemos aquela organização porque ela representa no momento uma força de unificação do proletariado."**

A U.D.S. se propõe a "organizar o proletariado e as camadas médias na base de um programa socialista." Para isto, "é indispensável a intervenção ativa do proletariado e das classes médias para neutralizar as manobras demagógicas de que a ditadura vem lançando mão."

Na conjuntura política do Brasil pós-guerra, a U.D.S. apóia a candidatura de Eduardo Gomes, acreditando em sua plataforma política de 16 de junho quando "comprometeu-se a restabelecer as liberdades democráticas, a autonomia sindical e o direito de greve. (...) armas indispensáveis ao proletariado para a defesa dos seus interesses de classe dentro do regime capitalista."

O apoio à Eduardo Gomes visa unir "todas as forças na luta pela destruição efetiva da ditadura e pela normalização da vida política da nação."**

44. Iden.

45. Iden, ibid.

Como se depreende através dos principais trechos "do manifesto da U.D.S." estão dados os principais elementos políticos da disputa política-eleitoral, das divergências com o Partido Comunista do Brasil, o fim da política da "terceira internacional" as reivindicações imediatas, através das reformas sociais, económicas e democráticas. Não se trata de realizar um "Wishful finking."⁴⁶ A U.D.S., enquanto pequeno núcleo de militantes e intelectuais socialistas, iria se tornar a partir de 1947 o núcleo mais forte das lutas democráticas e socialistas em São Paulo, particularmente em torno do Partido Socialista Brasileiro (P.S.B.). Como iremos demonstrar, em São Paulo, os socialistas teriam as principais e radicais divergências com a futura direcção nacional do P.S.B., liderada por João Mangabeira, este simpatizante das teses do Partido Trabalhista da Inglaterra (o Labour Party).⁴⁷

1.9.2 Da U.D.S à Esquerda Democrática:

Como narra Antonio CANDIDO (1986): a U.D.S. propunha um "socialismo democrático, mas combativo, orientado pela situação brasileira, não pela política soviética; preocupado com os meios específicos de resolver nossos problemas; partindo de premissas marxistas mas abrindo-se para as

46. PINHEIRO (1991). A 'intentona' comunista de 1935 poderia ter sido vitoriosa?

47. CANDIDO(1986); MANGABEIRA(1979); ABRAMO (1987).

conquistas do pensamento e da experiência política do tempo."

No entanto, avalia criticamente CANDIDO (1986): "a U.D.S foi um sonho curto, porque a nossa situação interna ficou insustentável pela dificuldade de arregimentar e coordenar as tarefas para a luta eleitoral que se iniciava."

Foi quando surgiu no Rio a Esquerda Democrática (E.D.), "de cujos trabalhos iniciais Paulo Emílio participou como nosso delegado, assinando o manifesto inaugural."

Assim, "não tendo no momento condições para constituir legalmente um partido, a E.D., pelo menos no Rio e em São Paulo, fez um acordo mediante o qual a U.D.N aceitou em sua chapa representantes dela, como os aceitou também, em São Paulo, do Partido Republicano, P.R. Os nossos deputados eleitos figuravam na chapa comum, mas uma vez no Congresso declararam imediatamente a sua identidade e formaram bancada embora só em 1946 haja sido possível o registro partidário."⁴⁸

Por que a U.D.N.? "O que nos ligava a U.D.N era a tradição comum de luta contra o Estado Novo, que nos parecia essencial e servia de ponto de encontro, do mesmo modo que o apoio a uma candidatura antigetulista, a de Eduardo Gomes."

48. CANDIDO(1986:52); também na entrevista em anexo, nesta dissertação.

Antonio Candido participou das primeiras reuniões do "Estabelecimento da E.D. em São Paulo. A primeira reunião se realizou no escritório do médico Moacir Porto e contou com a presença de Domingos Vellasco, um dos três líderes nacionais das agremiações, sendo os outros dois João Mangabeira e Hermes Lima. "Assim, como Paulo Emílio assinou o manifesto pela U.D.S. enquanto membro da Comissão Nacional Organizadora da E.D., Germinal Feijó, Paulo Zingg, e eu (Antonio Candido), fizemos o mesmo como membros da Comissão Organizadora Estadual."⁴⁹

No entanto, narra de maneira serena e ao mesmo tempo crítica: na "a dissolução da U.D.S., em setembro se não me engano, neste momento, perdemos muitos militantes bons, entre eles os operários, desgostosos porque a E.D. era eclética e menos radical. Mas ganhamos outros, inclusive companheiros da revista Clima que até então não haviam participado das nossas atividades políticas, como Décio de Almeida Prado e Lourival Gomes Machado."⁵⁰

49. CANDIDO(1986); CANDIDO (1972); sobre Paulo Emílio Salles Gomes, a excelente coletânea: Paulo Emílio: Um intelectual na linha de frente, S.P., Brasiliense, 1986, pp. 52-107, sua atuação política no Brasil pós-45.

50. Ideia; grifos meus. A aliança com os liberais, sempre foi problemática na história política do Brasil. Nos anos 50, o PSB fará aliança com Jânio Quadros.

1.9.3 Um caso particular:

A Vanguarda Socialista (1945-50): MARIO PEDROSA X HERMES LIMA.

Como assinala ALEM(1988), " o jornal Vanguarda Socialista, editado no Rio de Janeiro, é relevante a todos os títulos: como fonte para o estudo do movimento operário, é uma alternativa à "grande imprensa", e aquela editada pelo P.C.B. na análise da conjuntura; como tribuna de debates, registro de polêmicas, reflete as inquietações de numerosos intelectuais e militantes que, em sua grande maioria, tinham pertencido aos quadros do P.C. ou de suas dissidências trotskystas."⁵¹

Tendo Iniciado as suas publicações em 25 de agosto de 1945 sob a liderança de Mário Pedrosa e Hylcar Leite que ficaram responsáveis por sua publicação até junho de 1948. A partir de 1948 o jornal é "doado" ao P.S.B. tornando-se seu órgão oficial sob direção do democrata e socialista Hermes Lima.⁵²

Segundo a pesquisa feita por ALEM (1988:66), a Vanguarda é verdadeiramente uma tribuna de debates. O afastamento dos trotskistas é simultâneo ao de outros

51. ALEM (1988:64)

52. ALEM (1988:65);. Mario Pedrosa teve sua entrada na Esquerda Democrática e no P.S.B. dificultada, principalmente pelos líderes desta organização, entre eles João Mangabeira, Vellasco e Hermes Lima. Nas páginas da Vanguarda Socialista (1945-6) encontram-se artigos referindo-se a estes problemas e da disputa interna na E.D. e depois no P.S.B.

colaboradores. Em setembro de 1946, Mário Pedrosa em nome de uma comissão propõe "Novos Rumos" para a publicação, divulgando "teses" que serviriam para dar maior "homogeneidade" ao grupo. A base política do jornal se estreita mais a partir daí, à medida em que são poucos os que aceitam as teses da redação.⁵³

A ação eleitoral do grupo, em 1945, está voltada para o apoio à candidatura de Eduardo Gomes: "a luta contra o fascismo estadonovista perdeu o caráter de luta revolucionária de massa pelo poder, para tomar a aparência de uma campanha presidencial"; "o movimento encabeçado por Eduardo Gomes significa, no jogo das contradições sociais, um movimento progressista no sentido político; representa uma conglomeração de elementos sociais diferentes em ação unida contra a ditadura. O grosso de suas forças é representado pela camada das classes médias e de parte da burguesia, cujos interesses na realidade se opõem aos da burguesia que Prestes batizou, para a imortalidade das piadas felizes, de progressistas".⁵⁴

O golpe que derruba Vargas não altera a palavra de ordem. Ainda no final de 1946, o "espírito" da candidatura do brigadeiro seria defendido.⁵⁵

53. ALEM (1988:66); FACCIOLI (1985); LOUREIRO (1983).

54. ALEM (1988:66).

55. CANDIDO (1992).

O grande tema do jornal será o debate sobre a construção do Partido Socialista. Neste sentido, a Vanguarda Socialista irá abrir o debate com artigos de Mário Pedrosa, Perseu Abramo, Hilcar Leite, Edmundo Moniz, Patrícia Galvão, entre outros. Para Antonio Candido⁵⁶, em entrevista concedida em 1992⁵⁷, a grande fonte de inspiração do pensamento da Vanguarda Socialista, e em particular de Mário Pedrosa, é a da socialista polonesa Rosa Luxemburg. Também ALEM (1988) afirma o mesmo quando tenta estabelecer as "antecipações e os equívocos" do pensamento de Pedrosa.⁵⁸

56. Entrevista com A. Candido, anexo I.

57. A tese de MARQUES NETO (1992) foi publicada em livro: Solidão Revolucionária: Mário Pedrosa e a origem do trotskysmo no Brasil; SP, Paz e Terra 1993.

58. Mário Pedrosa, no início da década de 1980, tornar-se-ia o filiado número um do Partido dos Trabalhadores (P.T.). Segundo Pedrosa, o P.T. "foi o primeiro partido a ser construído e surgido de baixo para cima". Não seria devido a esta influência, que até hoje, o P.T. assume um "caráter" político espontaneísta? Não irei analisar as posições polémicas da Vanguarda Socialista. Essa pesquisa foi feita por LOUREIRO (1984), infelizmente ainda não publicada.

2. DA ESQUERDA DEMOCRÁTICA AO PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO

é na Convenção da Esquerda Democrática, que irão se originar os principais debates sobre a construção de um Partido Socialista Brasileiro (PSB), que terá, como afirmamos em várias ocasiões desta dissertação, o lema de: "Socialismo e Liberdade".

Todos aqueles que foram signatários, como os dirigentes da UDS, acabam por se reunir na Esquerda Democrática, organizada em agosto de 1945. Segundo ALEM (1988): "uma leitura de esquerda da doutrina social da Igreja Católica parece ter sido o limite no qual se deteria o acordo dos que acabam por construí-la".

Não nos parece correto afirmar que ocorreu "uma leitura de esquerda" da doutrina católica. No entanto, a presença de Domingos Vellasco, João Mangabeira e Hermes Lima é o ingrediente indispensável para analisarmos, objetivamente, as posições políticas reformistas, ou meramente democratas, que se afastariam do marxismo ou do socialismo revolucionário. ➡

Tratava-se de apresentar um conjunto de propostas de reformas sociais que fossem capaz de levar o País ao

59. ALEM (1988:60)

desenvolvimento da democracia, da "função social" da propriedade privada, da melhoria das condições de vida das classes trabalhadoras, das liberdades políticas e culturais. O limite seria o "regime democrático", com a possibilidade de lutarmos por uma sociedade "democrática e socialista", mas sem se rebelar contra a "ordem" democrática feita ou realizada através do "processo democrático-eleitoral". Não é sem razão a enorme simpatia política de João Mangabeira pelo "socialismo" do Labour Party, na Inglaterra. No entanto, Domingos Vellasco defenderia uma "terceira via" entre o capitalismo "desumano" e o "totalitarismo soviético".⁶⁰

Ao que parece, estaríamos diante das posições de um católico⁶¹ no campo da esquerda, democrática e reformista. Hermes Lima, em suas memórias, confessava-se um "democrata de esquerda" com pouca ou nenhuma tolerância política para com os possíveis marxistas ou revolucionários que estariam no PSB, principalmente os críticos da política do P.C.B.

60. CARONE (1985a); MANGABEIRA (1979); LIMA (1974).

61. As reflexões de VELLASCO encontram-se em: Sal da Terra, 1938. op. cit em CARONE (1985a: 322-327).

2.1 A hegemonia do PCB e as tentativas de implantação do PSB:

Como vimos o Partido Comunista do Brasil (PCB) teria o melhor desempenho político, eleitoral e organizativo durante o período de 1945-47. Os espaços estavam ocupados pelo PCB, PTB e PSD, basicamente. Pouco ou quase nada restava ao Partido Socialista Brasileiro, produzido na "teia das suas contradições" e pouco organizado política e eleitoralmente para ter bases sociais sólidas ou estáveis.⁶²

A política do PCB era de União Nacional, mas procurando ter a sua identidade própria construída através da candidatura de Yedo Fiúza. Já o PSB, que iniciava suas tarefas à partir de 1947, teve na Esquerda Democrática em aliança com os liberais da UDN e PR que formar "frente democrática" com Eduardo Gomes.

No Brasil os liberais são conservadores.⁶³ Em depoimento à Maria Victoria Benevides, pouco antes de seu falecimento, Paulo Emilio, analisa esta aliança, dizendo que foi um "tremendo erro histórico" terem se aliado aos liberais, pois Eduardo Gomes trazia consigo a "vertente anti-comunista", não aceitando radicalismos ou deslizes,

62. Expressão usada por Antonio Candido, ver entrevista (1986).

63. Ver a excelente análise sobre o conservadorismo do pensamento liberal em: Maria Silvia de Carvalho Franco: Revista USP, 1994.

muito menos uma aproximação com o campo democrático e socialista, que iria reunir-se em torno do PSB.

Para esta primeira parte ficaremos com o debate político em torno destas questões:

- 1) O PCB em 1945 sairia vitorioso das urnas: 10% dos votos, elegendo 15 deputados constituintes e um senador, Luís Carlos Prestes;
- 2) No entanto a tradição "autoritária-conservadora" da política brasileira, através da aliança Vargas-Dutra, levaria o PCB à clandestinidade em 1947. Para isto os "argumentos" da Guerra fria foram utilizados: Democracia X Comunismo.
- 3) Para o Partido Socialista Brasileiro, partido de "quadros intelectuais", não havia espaço político para apresentar suas propostas e conquistar o eleitorado em torno dos seus objetivos;
- 4) A aliança entre PTB/PSD seria vitoriosa em vários momentos e seria o "fiel" da balança política-partidária ao longo da "república liberal" pós-1945;
- 5) As diferenças internas no Partido Socialista Brasileiro: entre democratas, socialistas independentes, trabalhistas, os radicais da secção

paulista do partido, levariam o PSB a um processo de indefinições e esfacelamento, dificultando mais ainda sua inserção na sociedade civil e política brasileira. Bem como sua identidade político-partidária estaria visivelmente abalada.

Como se depreende, o Partido Socialista Brasileiro, PSB em 1947, foi uma pequena organização política formada por intelectuais, profissionais liberais e ativistas, que através dos "grupos profissionais" (e os grupos de base), do jornal: FOLHA SOCIALISTA, (1947-65), onde Antonio Candido e Arnaldo Pedroso D'Horta foram diretores, nas publicações como: POSIÇÕES SOCIALISTAS, organizada pelo jornalista e militante socialista, Fúlvio Abramo, publicação contendo as principais posições políticas do PSB nas conjunturas de 1947-48 e 49.

Assim, a volta à democracia no Brasil, bem como a constituição de um campo político, da disputa ideológica-partidária, era muitíssimo difícil; com inúmeras dificuldades organizacionais, para uma ação partidária eficaz, constituindo-se bases sociais sólidas, para o PSB.

O "trabalhismo getulista" (através do P.T.B.), e o PCB ocupavam praticamente todos os espaços da ação política, restando muito pouco para os "socialistas independentes", das décadas de 1940 e 50.

é somente à partir da década de 50, que o PSB obterá seu melhor desempenho político e eleitoral. Para isto, o partido realizaria alianças com Jânio Quadros e, portanto, estaria aberto o processo de enfraquecimento da sua identidade partidária, democrática e socialista.

Mas, sabendo das dificuldades e da constituição do capitalismo hiper-tardio no Brasil; o PSB desempenhou o papel de debatedor e crítico para várias correntes de marxistas, socialistas, reformistas, democratas ou simplesmente "socialistas independentes", correntes que foram marginalizadas no debate político da época ou do Brasil da década de 1940 e 50.

Como afirma REIS FILHO (1990): "o que importa não é o número eventual de seus militantes e simpatizantes (Lênin diria sempre e o mesmo seria repetido por todos os revolucionários leninistas), mas a vigência de seus pressupostos e modelos, sua capacidade de mobilização, a certeza - auto-referenciada - de que constituem vanguardas e elites políticas, o pleno funcionamento de seus mecanismos de coesão interna".⁶⁴

64. REIS FILHO (1990:87); os gritos são meus. O autor pesquisou as organizações comunistas da década de 60 e início da década de 1970. A formulação política dos 'comunistas dissidentes' nos anos 60 e 70 poderia ser questionada... Por que a esquerda optou pela violência?

CAPÍTULO II

**PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO:
SOCIALISMO E LIBERDADE**

Neste segundo capítulo, irei apresentar as principais questões levantadas pelos dirigentes do P.S.B., nas conjunturas políticas de 1947, 48 e 49. Entre elas se encontram:

O monopólio estatal do Petróleo e a reforma agrária. Estas são apresentadas tendo como base a publicação organizada por Fúlvio Abramo: Posições Socialistas e alguns exemplares dos jornal do P.S.B.: Folha Socialista.¹ A organização partidária, através dos núcleos de base ou grupos profissionais, bem com a concepção da ação dos socialistas no parlamento, são também apresentados. A participação ou luta eleitoral é brevemente discorrida. E, por fim: a questão mais difícil, que exigiria um tratamento rigoroso ou analítico: qual socialismo? O que seria, a chamada "terceira via" ou "um terceiro partido nos caminhos da liberdade".²

-
1. A Folha Socialista, tem sua coleção no Arquivo do CEMAP, Faculdade de História, USP. No Arquivo Edgar Leurenroth, encontram-se os números da Folha Socialista, dos anos de 1947, 48, 49, 50, 51 e 53.
 2. Expressão da Patrícia Galvão: Vanguarda Socialista, op. cit.

2.0 O MANIFESTO E O PROGRAMA DO PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO.

Como verificamos no capítulo anterior, a Esquerda Democrática (E.D.) será a origem do Partido Socialista Brasileiro embora muitos dos intelectuais e ativista da E.D. tenham ido para a União Democrática Nacional (U.D.N.), como afirmação das suas concepções liberais e de apoio a seu partido.³

Os socialistas de São Paulo, Antonio Candido, Paulo Emilio, Germinal Feijó, Plinio Mello, Sérgio Buarque de Hollanda, Sergio Milliet, Wilson Rahal, Décio de Almeida Prado, participam da fundação e da 1ª Convenção Nacional do partido. Convenção Nacional realizada de 7 a 14 de abril de 1946, na cidade do Rio de Janeiro. Assim, resolvem constituir-se em Partido, sob o lema de Socialismo e Liberdade, e orientado pelo seguintes princípios:

I. "O partido considera-se, ao mesmo tempo, resultado da experiência política e social dos últimos cem anos em todo mundo e expressão particular das aspirações socialistas do povo brasileiro".

II. (...) Serão respeitadas as "peculiaridades nacionais do País", de modo que a aplicação de seus princípios não

3. CANDIDO, (1986); Teoria & Debate, n. 2, 1988. Sobre a UDN: BENEVIDES (1981:15-37)

constitua solução de continuidade "nem violência aos caracteres culturais do povo brasileiro".

III. (...) entende que as cisões provocadas por essa influência nos vários agrupamentos partidários estão em grande parte superadas.

IV. é (...) patrimônio inalienável da humanidade as conquistas democrático-liberais, mas as considera insuficiente, como forma política, para se chegar à eliminação de um regime econômico de exploração do homem pelo homem.

V. o partido não tem uma concepção filosófica da vida, nem credo religioso.

VI. o partido irá fazer proselitismo, sem prejuízo de organização partidária, princípio que respeitará, uma vez alcançado o poder.⁴

VII. O objetivo do partido é no terreno econômico "a transformação da estrutura da sociedade, incluída a gradual e progressiva socialização dos meios de produção, que procurará realizar na medida em que as condições do país o exigirem."⁵

4. CARONE (1981: 17-19)

5. O Programa do P.S.B. encontra-se em CARONE (1981 : 17-23).

VIII. No terreno cultural, o objetivo é a "educação do povo em bases democráticas, visando a fraternidade humana e a abolição de todos os privilégios de classe e preconceitos de raça".

IX. " (...) Dispõe-se a realizar suas reivindicações por processos democráticos de luta política".

X. o partido realizará "algumas das suas reivindicações em regime capitalista, mas afirma sua convicção de que a solução definitiva dos problemas sociais e econômicos, mormente os de suma importância como a reforma agrária, a industrialização, a democratização da cultura e a saúde pública, só será possível a execução integral de seu programa".

XI. o partido não se destina a lutar por interesses exclusivos de uma classe, mas pelos de todos os que vivem do próprio trabalho, operários do campo e das cidades, empregados em geral, funcionários públicos ou de organizações para-estatais, servidores das profissões liberais - pois os considera, todos, identificados por interesses comuns.

Com base nestes onze princípios, o partido adota o seguinte:

Das classes sociais: (...) um regime socialista acarretará a abolição do antagonismo de classe.

Da socialização: (...) não considera socialização dos meios de produção e distribuição a simples intervenção do Estado na economia e entende que aquela só deverá ser decretada pelo voto do parlamento democraticamente constituído e executado pelos órgãos administrativos eleitos em cada empresa.⁶

Da propriedade em geral: A socialização realizar-se-á gradativamente, até a transferência, ao domínio social de todos os bens passíveis de criar riqueza, mantida a propriedade nos limites da possibilidade de sua utilização pessoal sem prejuízo do interesse coletivo;⁷.

Da Terra: A socialização progressiva da terra será realizada segundo a importância demográfica e econômica das regiões e a natureza da exploração rural, organizando-se fazendas nacionais e fazendas cooperativas, assistidas estas, material e tecnicamente, pelo Estado.

O problema do latifúndio será resolvido por este sistema de grandes explorações, pois sua fragmentação não trará grande rendimento às terras e criará obstáculos ao progresso social. Entretanto, dada a diversidade do desenvolvimento econômico das diferentes regiões, será o parcelamento das terras da Nação em pequenas porções do

6. grifos meus.

7. idem.

usufruto individual onde não for viável a exploração coletiva.^{8.}

Da indústria: Na socialização progressiva dos meios de produção industrial, partir-se-á dos ramos básicos da economia.

Do crédito: nacionalização do crédito, que ficará, assim, a serviço da produção.

Finanças Públicas: Supressão dos impostos indiretos e aumentados, progressivamente, os que recaiam sobre a propriedade territorial, a terra, o capital, a renda em sentido estrito e a herança, até que a satisfação das necessidades coletivas possa assegurar-se sem recursos ao imposto.

Gastos públicos serão orçados e autorizados pelo parlamento, de modo que assegurem o máximo de bem-estar coletivo.

Da Circulação: o comércio exterior ficará sob controle do Estado, até se tornar função privativa deste. Promover-se-á formas diretas de distribuição, sobretudo através de cooperativas.

Sobre a questão e o mundo do trabalho, assim posicionava-se o Manifesto-Programa do P.S.B.:

-- "O trabalho será considerado direito e obrigação social de todo cidadão válido, promovendo-se a progressiva

8. *idem.*

eliminação das diferenças que atualmente separam o trabalho manual do intelectual."

- "A liberdade individual do contrato de trabalho sofrerá as limitações decorrentes das convenções coletivas e da legislação de amparo dos trabalhadores."
- Liberdade e autonomia sindical.
- Direito de greve.
- Organização política
- O Estado será organizado democraticamente, mantendo sua tradicional forma federativa, e respeitando a autonomia dos municípios;
- Divisão dos poderes em executivo, legislativo e judiciário;
- Parlamento permanente e soberano;
- Autonomia funcional do poder judiciário;
- Vitaliciedade e inamovibilidade dos juizes;
- Justiça gratuita;
- Liberdade de organização partidária dentro dos princípios democráticos;
- A política externa será orientada pelo princípio da igualdade de direitos e deveres entre as nações, e visará o desenvolvimento pacífico entre elas. Só parlamento será competente para decidir da paz e da guerra.

Direitos fundamentais

- Todos os cidadãos serão iguais perante a lei, sendo-lhes asseguradas as liberdades de locomoção, reunião, associação, de manifestação do pensamento, pela palavra escrita, falada ou irradiada.⁹.

Educação e Saúde

- A educação é direito de todo o cidadão, que poderá exigir do Estado, dentro dos limites de sua vocação, sem qualquer retribuição;
- O ensino oficial será leigo e organizado de modo que vise o interesse público e não fins comerciais;
- A saúde é dever do Estado, que não só estabelecerá condições gerais capazes de assegurar a existência e trabalhos sadios em todo o território nacional.

Com isto, o F.S.B. apresentava um conjunto de reformas sociais, inspiradas no pensamento político democrata, mas abertas a sua concepção socialista, fortemente marcada por reformas, socialização, conquista gradual e progressiva. Não podemos colocar no mesmo prisma

9. *idem*, op. cit.

ou perspectiva teórica as elaborações políticas-ideológicas de socialistas, social-democratas, democratas ou trabalhistas. Não bastam as análises em torno de "reforma" ou "revolução", cada partido político ao longo da história efetiva das lutas de classe e social, possui suas concepções, programas e ações efetivas, que precisam ser conhecidas e analisadas sem preconceitos ou implicações políticas, que poderiam apenas ser rotuladas de "reformistas" ou "segundo internacionalistas" ou ainda de "direita" ou "esquerda" da social-democracia.

Para encerrar este item, apresento as últimas reivindicações imediatas do Partido Socialista Brasileiro, realizando alguns comentários ou críticas objetivas sobre este importante Manifesto-Programa de 1947:

Reivindicações Imediatas:

As reivindicações sociais, econômicas e políticas são compostas de 9 (nove) itens:

- 1º) Subordinação da nacionalização de bens pela União, Estados e Municípios, em cada particular, ao voto das respectivas câmaras legislativas.
- 2º) Administração das empresas nacionalizadas por órgão constituído de representantes dos respectivos governos, indicados pelo executivo e aprovados pelo legislativo.
- 3º) Nacionalização das fontes e empresas de energia, transporte e indústrias extrativas consideradas fundamentais.
- 4º) Nacionalização das terras não exploradas, ou de terras cuja exploração atual não atende ao interesse público. Assistência financeira, material e técnica às cooperativas instalados nos latifúndios e as organizados pelos pequenos agricultores.
- 5º) Nacionalização do crédito e das operações de seguro. Abolição gradativa dos impostos indiretos e taxaço fortemente progressiva sobre a terra, a renda, o capital e a herança.

69) Incentivo à cooperativas, com a facilitação de crédito e isenção de impostos.

79) Liberdade e autonomia dos sindicatos, considerada a unidade sindical dos trabalhadores, aspirações a ser realizada por eles próprios;

- Direito irrestrito de greve;
- salário igual para trabalho igual;
- participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, independente dos salários;
- direito de sindicalização, inclusive aos funcionários públicos, federais e estaduais.

89) Defesa e desenvolvimento da forma democrática de governo e garantias às liberdades e direitos fundamentais do homem:

- regime representativo de origem popular;
- sufrágio universal, direto e secreto;
- representação proporcional;
- fortalecimento do poder legislativo pela adoção do sistema unicameral, com uma Assembléia permanente cujas sessões só se poderão suspender a seu próprio critério;
- Responsabilidade efetiva dos governantes em todos os seus graus, criando-se para isto órgãos de

fiscalização, ligados diretamente ao poder legislativo e exclusivamente dele dependentes;

- A autonomia do Distrito Federal quanto aos seus interesses puramente locais, e eleição do seu prefeito e da câmara local pelo voto popular.

9º) Plano Nacional de Educação:

- Transferência do exercício e responsabilidade do Estado, com a educação e à suprimir-se, progressivamente, o ensino particular de fins lucrativos;
- subordinação do ensino particular ao interesse público;
- gratuidade do ensino primário, técnico-profissional, secundário e superior, na medida do possível;
- 15% da receita pública destinada ao ensino, com aplicação no mesmo ano orçamentário;

As deliberações e programa de reformas do Partido Socialista Brasileiro, foram aprovados na 1ª Convenção Nacional, que ocorreu no Rio de Janeiro, no período de 7 a 14 de abril de 1946.¹⁰

O P.S.B. teve o seu registro legal feito em 24 de agosto de 1947.

O programa do P.S.B., em agosto de 1947, refletiu a conjunção de forças políticas que espelhavam o partido.

10. CARONE (1981 : 17-24)

A secção paulista do partido, liderada por Febus Gikovate, Azis Simão, Fúlvio Abramo, Antonio Candido, Arnaldo Pedroso D'Horta, Paulo Emilio e Germinal Feijó, que eram os representantes da "ala esquerda" do partido, foram influenciados pelo marxismo e muitos saídos do PCB, como João da Costa Pimenta, Antonio Costa Correia e Paulo Emilio, procuraram dar um tom político para "além" das reformas e colocar as discussões em torno da proposta socialista: radicalizar com relação à questão agrária e se diferenciar tanto do stalinismo representado pelo PCB quanto do trotskismo (na época pelo P.S.R.) como também do "ministerialismo sindical" do P.T.B. Isto foi muito difícil, pois os socialistas independentes, além de estarem em pequeno número nos quadros militantes e dirigentes, enfrentariam a resistência da direção nacional do P.S.B., liderada por João Mangabeira, Domingos Vellasco e Hermes Lima, que assumiam posições no campo político democrático, mas sem radicalizar ou polemizar as questões em torno do "socialismo democrático" e das suas possíveis estratégias para avançar politicamente na organização partidária e eleitoral no Brasil pós 2ª Guerra Mundial.¹¹

11. CANDIDO (1992); ALEM (1988 : 60); grifos meus.

2.1 AS POSIÇÕES SOCIALISTAS

Em 1949, o militante Fúlvio Abramo, organizou para a secção paulista do P.S.B., um conjunto de artigos que foram anteriormente publicados na Folha Socialista, jornal de divulgação do partido. São artigos de intervenção partidária e foram aprovados nas instâncias partidárias, tratando-se de assuntos doutrinários, conjunturais ou de temas específicos como: internacionalismo, questão agrária, a disciplina socialista etc...

Nesta segunda parte da dissertação, vou procurar apresentar as principais questões dos socialistas reunidos em São Paulo. Como afirmou Antonio Candido (1985), as principais elaborações teóricas e políticas do partido, foram feitas em São Paulo e no estado de Pernambuco.

Duas questões polêmicas para o P.S.B.:

- A questão do monopólio estatal do Petróleo;
- A reforma agrária no Brasil.

O Petróleo é nosso! A questão do monopólio estatal do Petróleo:

"O Partido Socialista Brasileiro tomou posição pública em face do problema do petróleo. Fê-lo através de uma decisão da Comissão Nacional e do deputado Hermes Lima na Câmara Federal. O

P.S.B. manifestou-se, (...) a favor da nacionalização do petróleo e da sua exploração sob forma de monopólio de Estado e contra as concessões aos "trusts estrangeiros."¹²

Deste modo, narra o documento do P.S.B:

"(...) Iniciou-se, e está tomando vulto, uma campanha popular, organizada sob a forma de Centros de Estudo e Defesa do Petróleo, que mobiliza as massas, visando levá-las à luta contra o Estatuto do Petróleo que se propõe entregar a exploração das jazidas ao trusts internacionais."

Mas, "esta campanha está tomando feições perigosas e ameaça transformar-se em movimento demaqógico, de conteúdo nacionalista-chauvinista."¹³

Neste sentido, "o Partido Socialista é de opinião que a solução adequada ao problema do petróleo não tem as virtudes de uma varinha de condão no sentido de resolver definitivamente a calamitosa situação econômica, social e política em que nos encontramos."

12. ABRAMO (1949).

13. Folha Socialista, ano I, 15 de julho de 1948; grifos meus.

O P.S.B pensando nesses problemas publica, ou divulga, três tópicos, ou três considerações, ou conceitos, sobre os mesmos:

1. "O Partido Socialista, embora lutando por reivindicações imediatas, capazes de serem satisfeitos no atual regime e a nacionalização da indústria petrolífera é uma delas, está convencido de que somente a transformação econômica e política do atual regime no sentido socialista é a solução eficaz para a profunda crise que nos assoberba."¹⁴

2. "O Partido Socialista é contra a entrega das jazidas petrolíferas aos trusts estrangeiros , não pelo fato de serem estrangeiros e, sim, por serem trusts. Atitude análoga tomaria o P.S.B. se tratasse de um trusts petrolífero nacional. (...) O Partido Socialista opõe-se assim, com toda a energia, a uma possível demagogia nacionalista na luta contra a entrega do petróleo aos trusts capitalistas internacionais.

3. O Partido Socialista é pela exploração do petróleo sob a forma de monopólio de Estado em oposição a que entrega aos grupos capitalistas nacionais ou estrangeiros, que apenas visariam auferir lucros de sua exploração em detrimento dos do povo trabalhador.

14. grifos meus.

Para o P.S.B., "a nacionalização do petróleo, se realiza com a participação dos trabalhadores na direção das empresas a serem criadas" (...) Esta é indispensável para evitar que as mesmas sejam exploradas em benefício exclusivo das atuais classes dominantes e se transformem em elemento para um futuro capitalismo de Estado econômica e politicamente totalitário.¹⁵

Esta circular foi apresentada por Febus Gikovate e publicada na imprensa do P.S.B., a Folha Socialista. Como se verifica, é uma importante tomada de posição em torno da campanha nacionalista do Petróleo, apoiando a campanha e situando a posição política do partido face a questão.

O P.S.B procurou diferenciar-se do "nacionalismo" do período. Como recorda Antonio Candido, em entrevista à Teoria & Debate: Fomos nós [P.S.B.] que lançamos a campanha do petróleo. Os comunistas no começo eram contrários, porque a Rússia era aliada dos Estados Unidos e eles não queriam mexer com as multinacionais. Nós fazíamos uma política socialista conseqüente. Os comunistas faziam uma política de acordo com os interesses da União Soviética, como quando chegaram a apoiar a aliança com Hittler em 1939. (...) No caso do Petróleo eles só apoiaram quando começou a guerra fria e houve interesse russo em hostilizar os Estados Unidos. Mas aí, honra seja feita, tomara o piço na unha e

15. grifos meus.

realizaram uma campanha monumental, como nós seríamos incapazes.¹⁶

A Reforma Agrária

O item "e", da página 14, das Posições Socialistas, publicado em 1949 e organizado por Fúlvio Abramo; apresenta um conjunto de propostas e análises: *Contribuição para o Estudo das Posições Socialistas em torno da Questão Agrária.*

"A Convenção Estadual do Partido Socialista Brasileiro, realizada em Campinas nos dias 2 e 3 de setembro de 1948, dedicou parte da primeira reunião plenária da Comissão Estadual eleita na ocasião, ao debate questão agrária, com base do documento apresentado pelo companheiro Fúlvio Abramo": "(...) Organização capitalista da agricultura: todos esses fatores (solo, baixa qualificação técnica etc.), são agravados pelo caráter de exploração capitalista da agricultura. O capitalista (fazendeiro) só produz por interesse de lucro. Não lhe interessa, pois, inverter muito capital (defender a terra contra a erosão, procurar a planta mais adequada para a sua terra, utilizar os meios mais modernos e científicos,

16. Teoria & Debate, n. 2, 1988.

defender a saúde do trabalhador, proteger o filho deste, dar-lhe instrução, cultura etc. Ao contrário, interessa-lhe gastar o menor que pode (daí o abandono de todas as necessidades) e vender o mais caro possível. - Pouco se lhe dá se destrói o solo, que pertence tanto às gerações vindouras quanto às atuais. O seu patriotismo que exhibe toda vez que deve falar ou agir contra as justas reivindicações de seus trabalhadores, não vai além da defesa do lucro da próxima colheita."¹⁷

"Destruói a pátria, sem escrúpulos, centímetro a centímetro, em extensão e profundidade. Que, escarifica o solo agrário enquanto este lhe dá lucros. (...) O lucro fica "nas mãos dos intermediários." "O meio circulante (créditos) açambarca toda a produção agrária, e de modo tão completo, que ao fazendeiro, ao agricultor em geral não resta senão beijar as mãos de seus exploradores para obter mais créditos. (...) A classe dos proprietários rurais paulista (a estes nos referimos com especialidade) é, pois, inteiramente prejudicial à agricultura. Dever ser incontinentemente substituída na direção da produção agrária".¹⁸

Para o documento sobre a "questão agrária", são feitas as seguintes afirmações:

17. ABRAMO (1949).

18. *idea.*

(...) d) "o tipo de exploração capitalista instaurado no Brasil caracteriza-se por uma atitude predatória do solo e de exploração desenfreada do trabalhador do campo. Após destruir a "pátria" centímetro a centímetro, em extensão e profundidade, o elemento da classe dominante agrária destrói com igual ferocidade a infância e a sua juventude de seus trabalhadores. Só se interessa pelo lucro, como capitalista que é, mas sua inépcia total lhe impede de apropriar-se dele, pois deve cedê-lo em grande parte ao intermediário, que o oprime e monopoliza a distribuição e a circulação dos gêneros produzidos. A classe dominante agrária torna-se, pois, inteiramente inútil e prejudicial ao seu próprio desenvolvimento geral da sociedade".¹⁹

O documento discorre longamente sobre outros problemas específicos da "questão agrária" no Brasil. Para encerrar, o Partido Socialista Brasileiro, através de um dos seus interlocutores, Fúlvio Abramo, declara que não tendo "compromissos com as classe exploradoras e visando claramente a socialização dos meios de produção, cumpre ao partido estabelecer, desde a sua posição fundamental, seu alvo final, mais ao mesmo tempo, deve procurar estabelecer

19. ABRAMO (1949).

um plano de lutas imediatas, visando conquistas imediatas, de modo a apresentar-se ante a massa do interior do país tal como ele é, exibindo o que deseja atingir.²⁰

São proposta de leis:

1. Código do Trabalhador Rural: Extensão de todos os direitos da legislação trabalhista aos trabalhadores do campo, inclusive estabelecimento do horário de trabalho..
2. Código de Propriedade Rural:
 - a) limitação real da propriedade rural dos grandes proprietários de terra;
 - b) imposto progressivo sobre a propriedade rural não explorada;
 - c) Desapropriação de todas as áreas não exploradas nos últimos cinco anos. Entrega de todas as áreas às cooperativas de trabalhadores (proibindo a concessão à intermediários, arrendadores, concessionários etc.)
3. Código do comércio agrário;
4. Código do financiamento agrário;

20. grifos meus.

5. Código de Higiene e da Cultura do campo: ensino gratuito, permissão de circulação livre de jornais e livros nas fazendas, escola técnica de ensino da agricultura e pecuária. Fornecimento gratuito pelo Estado e pelo Município de medicamentos preventivos, manutenção de creches dirigidas por pessoal especializado em cada fazenda. Proteção à infância em caráter obrigatório sob pena de confisco da propriedade;
6. Código da Terra e da Planta: socialização imediata de todas as fontes de adubos minerais (fosfatos, etc.), formação de vasta rede de Estações de melhoramentos, aclimação e genética, para o fornecimento de sementes selecionadas;
7. Código do Imigrante: Abertura da emigração em escola crescente, de acordo com as características locais de cada região, direitos iguais para os imigrantes de qualquer nacionalidade, desburocratização e maior facilidade do processo de nacionalização, a ser concedido após dois anos de trabalho ou o nascimento do primeiro filho brasileiro; sindicalização do imigrante nos sindicatos rurais, extensão de todos os direitos trabalhistas ao imigrante; extensão de todos os direitos sociais.

Estas eram as principais propostas do P.S.B. para a "questão agrária", onde se articulam um conjunto de reformas jurídicas, sociais, políticas e institucionais e uma crítica radical à estrutura do capitalismo no campo, mas sem analisar ou apontar objetivamente como iriam ser a "socialização da propriedade" no campo e suas relações com o poder constituído. O que fica, é a afirmação das reformas sociais e a possibilidade, no futuro, da luta social e partidária em prol da "sociedade democrática e Socialista".²¹

Cabe considerar, que nas análises do Partido Socialista Brasileiro, a questão agrária ou a proposta da Reforma Agrária, sempre tiveram papel de destaque. O pretérito passado 'colonial ou semi-colonial' da formação econômica e social brasileira, para justificar teórica e praticamente a 'revolução por etapas' ou nosso 'passado feudal', sempre foi criticado nos documentos, principalmente da secção paulista do P.S.B.. Fúlvio Abramo, sempre analisou em seus artigos, os verdadeiros problemas da 'questão agrária' no Brasil e a conseqüente luta dos trabalhadores assalariados do campo.

21. O texto de Fúlvio Abramo, também foi publicado na Folha Socialista, 1949.

2.2 A ESTRUTURA POLÍTICA E ORGANIZATIVA DO P.S.B.

Como era organizado o Partido Socialista Brasileiro?

- Os grupos de base ou grupos profissionais;

Novamente em Posições Socialistas, na sua Parte I: Questões teóricas e doutrinárias, encontramos no item "a":
A linha política e a ação dos grupos de base:

"a linha política do Partido se forma através e pela colaboração de todos os grupos; estes constituem as unidades básicas da organização; deles é que deve subir, as instâncias dirigentes, o reflexo do pensamento partidário; da soma de sua opinião, debatida em assembleia democrática de grupo, e que se forma a orientação e o alvo partidários."²²

Neste sentido, afirma o documento do P.S.B.:

"não é, pois, por mera atitude ou por tendências românticas que nós, os socialistas de São Paulo, julgamos que é na participação ativa dos grupos de base em todas as discussões de todas as questões de interesse partidário, que se encontra a

22. Posições Socialistas, p. 5; grifos meus.

garantia de formação de uma linha política independente, realmente socialista e democrática."23

Para o P.S.B, tratava-se de criar um espaço efetivo e real das 'bases' participarem de todos os debates e da formação da linha política:

"Quando o Partido Socialista Brasileiro, conseguir que seus membros de base participem ativa e eficientemente das discussões, dos debates, da formação da nossa linha política, em todos os municípios e estados dos país, então, e só então, poderemos afirmar que nossos esforços pela criação de um partido socialista de estrutura democrática."24

Assim: "Não se entenda qualquer atitude diferente, pois a rota contrária a que traçamos só poderia ser a da orientação política ditados pelas direções e aplicada pela base. Seria voltarmos ao estado de organização política dominada por igrejinhas que, em nome de princípios centralistas, tendem a perpetuar-se nas direções, a formar quistos insolúveis. Aplicado esse princípio no governo geral da sociedade, estaremos perante formas ditatoriais. O socialismo

23. *idem*.

24. *idem* *ibid*.

democrático é visceralmente contrário a tais métodos de direção imposta pelo alto, quer internamente, em sua vida partidária, quer externamente, em relação à comunidade."

Para encerrar, o documento conclui: "toda tentativa de abafamento da opinião partidária em seus organismos de base constitui, pois, uma grave tendência que deve ser imediata e energicamente combatida."²⁵

A disciplina socialista:

Partidos políticos possuem disciplina, isto implica em afirmar: possuem uma estrutura organizativa, capaz de implementar as deliberações feitas por seus membros, sejam dirigentes, militantes, quadros intermediários, grupos de base ou células como foram implementadas pelos partidos comunistas, ao longo de décadas. A disputa e a aceitação das regras entre posições minoritárias e majoritárias, como os bolcheviques e mencheviques na Rússia do "Partido Operário Social-Democrata", são exemplos do funcionamento e das decisões políticas, programáticas e conjunturais tomadas pelos partidos políticos, sejam reformistas, revolucionários ou de qualquer outra tendência política-ideológica.

25. Documento também publicado na Folha Socialista. Ano II, n. 15, p. 1, autoria de Fúlvio Abramo e aprovado pela comissão Executiva Estadual do P.S.B. O documento é de 1948.

Neste sentido, o Partido Socialista Brasileiro, possuía uma disciplina socialista, como podemos observar em uma resolução apresentada pela Comissão Estadual, reunida em Jaú, interior do estado de São Paulo, em 02 de abril de 1949:

a) A disciplina socialista:

- 1) Os membros do P.S.B. deverão discutir nos organismos a que pertencam, a conveniência ou não de participar de movimentos políticos não partidários, qualquer que seja a sua natureza.
- 2) É de toda conveniência que os organismos dirigentes do Partido definam, em cada oportunidade, a posição do P.S.B. em face dos movimentos políticos não partidários traçando claramente as diretrizes a serem seguidos pelos seus membros.²⁶

Sobre a atividade dos socialistas nas associações profissionais:

- 3) Os socialistas que atuam em organizações associativas de caráter profissional deverão coordenar as suas atividades no sentido de preservar as verdadeiras

26. grifos meus.

finalidades dos mesmos e evitar que sejam transformadas em instrumentos partidários.²⁷

Sobre a participação de dirigentes partidários em movimentos de Frente Única:

Nenhum membro de qualquer comissão do P.S.B., seja municipal, estadual ou nacional, poderá aceitar convites para participar de movimentos de frente única de objetivo político sem consultar ao órgão do Partido imediatamente superior.

Tratando-se de frente única com finalidade que possam ter caráter nacional, a Comissão Estadual a cuja jurisdição se levantar a questão, deve consultar imediatamente a Comissão Nacional.²⁸

Sobre a Participação de Comissões partidárias em movimentos de Frente Única: "Em face a consecutiva manobras do desvirtuamento das finalidades de movimentos de frente única de objetivos político, verificados em vários pontos do país, a Comissão Nacional recomenda a todas as Comissões Estaduais, e estas as municipais, que , quando após a necessária permissão, participarem de movimentos de frente única, exijam que as manifestações públicas desses movimentos se sirvam exclusivamente às finalidades declaradas do movimento. Nesse sentido os representantes do

27. *idem*.

28. Os documentos foram publicados na Folha Socialista, 1948 e 1949.

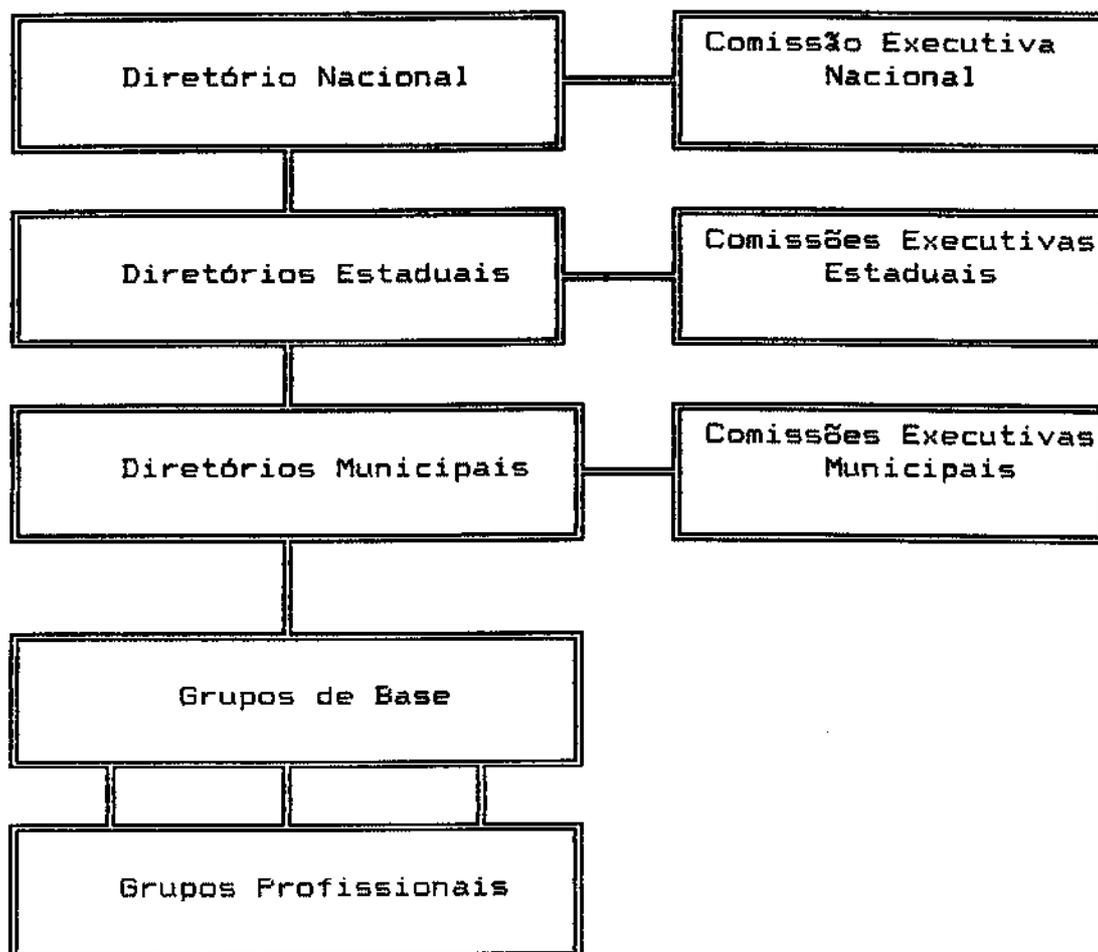
Partido devem exercer a mais severa fiscalização a vigilância, para evitar que o Partido Socialista ou seus representantes servam de elementos de manobras de outros interesses partidários."²⁹

O Partido Socialista Brasileiro em suas reuniões, através das deliberações das Comissões Executivas Estaduais, Municipais e Nacional, tinha a preocupação de assumir uma posição partidária capaz de não atrelar o partido ao movimento e que as lideranças socialistas não pudessem ser cooptadas ou usadas nos movimentos de "frente única", para diluir ou isolar a política democrática e socialista do partido.

Nestes termos, podemos ter o seguinte esquema da organização do Partido Socialista Brasileiro (ver página seguinte):

29. Folha Socialista. Ano II, 1948, p. 4.

QUADRO I
ESTRUTURA ORGANIZATIVA DO P.S.B.



O Partido Socialista Brasileiro se organiza de acordo com a Lei orgânica dos partidos* e sua novidade estava nos "grupos de base", que se multiplicavam nos grupos profissionais: jornalista, escritores, médicos etc... Também existiam grupos de base por local de trabalho e moradia, como por exemplo: o grupo de negros metalúrgicos do Bosque da Saúde (São Paulo), narrado por Antonio Candido

† Esta lei é de 1951.

(1988). Antonio Candido, Sérgio Milliet, Arnaldo Pedroso D'Horta, Oliveiros Ferreira, entre outros, formariam o grupo profissional numero um (GP-1).³⁰

"Dentro dos limites, afirma as Posições Socialistas, de nossas direções municipais, os grupos de base constituem, pois, os criadores, os forjadores e os faustores da orientação do Partido. O mesmo conceito e a mesma prática devem ser aplicados à atividade dos diversas comissões municipais com relação às Estaduais e, destas para com a Nacional."³¹

Segundo ALEM (1988), foram nos estados de São Paulo, Pernambuco, Paraíba e Distrito Federal, onde os "socialistas independentes" obtiveram os melhores êxitos em sua organização política, partidária e eleitoral.³²

Para encerrar esta parte onde discorreremos sobre a organização interna, disciplina socialista, a questão do petróleo e da questão agrária, bem como sobre o importante e significativo Manifesto e Programa do P.S.B. de 1947, resta mostrar como o P.S.B. estava constituído em 12 de julho de 1953: seu Diretório Nacional com 19 (dezenove) membros e a Executiva Nacional com apenas 09 (nove) dirigentes. Para um País, que na época, possuía pouco mais de seis milhões de

30. Folha Socialista. Ano II, 1948. Também CANDIDO em entrevista à Teoria & Debate, n. 2, 1988.

31. ABRAMS (1949: 5-6). Grifos meus.

32. ALEM (1988: 131-133).

eleitores, observa-se a pequena presença partidária dos socialistas no cenário político nacional*. Para comprovar bastaríamos verificar a composição da Executiva Nacional: possuía um presidente, secretário-geral, primeiro secretário, segundo secretário, tesoureiro, secretário sindical, secretário de organização e propaganda, secretário de educação política e o secretário de finanças.³³

1. Sobre os socialistas em 1902: HARDMAN e LEONARDI (1991). Sobre o P.S.B. em 1932 e 1934: CARONE (1985a). E sobre o "socialismo possível" de Antonio Picarollo: HECKER (1989).

33. Folha Socialista, 15 de julho de 1953 e 15 de agosto de 1953; grifos meus.

2.3. POLEMICAS DO P.S.B.: DUAS QUESTÕES

Em Posições Socialistas, encontramos onze teses, redigidos por Antonio Candido, onde foram estabelecidas as principais diferenças políticas e ideológicas, entre o P.S.B. e o Partido Comunista do Brasil (P.C.B.):

- 19) O P.S.B. é contrário tanto ao comunismo russo quanto a sua expressão local, o Partido Comunista do Brasil.³⁴
- 20) Entre o comunismo como doutrina, e o socialismo democrático, existe uma convergência de objetivos, visto que ambos lutam pela socialização da propriedade, com a conseqüências decorrente daí, no campo da produção, da distribuição e da organização social - inclusive a supressão do Estado como forma suprema de controle.
- 30) A referida convergência não existe, todavia, em relação ao capitalismo de Estado que, na URSS esclerosou numa ditadura permanente, o processo de socialização. Segundo, as concepções mais elevadas do humanismo ocidental, de que o socialismo é o herdeiro legítimo, os meios empregados para obter um fim não podem substancialmente ser destacados deste, sob pena de desvirtuá-lo ou, por outras palavras, o fim não é mais do que a cristalização dos meios e sua projeção

34. ABRAMO (1949: 6-8); Estas 11 teses foram publicadas também na Folha Socialista.

definitiva. Ora, na URSS - não importa indagar se por contingência histórica ou por desvio político - a concentração estatal criou uma contradição desumana, e portanto anti-socialista, entre a razão do Estado e as forças produtivas. Aquela encarnada numa poderosa e vasta elite burocrática, estas, como nos estados burgueses, mantidas na condição proletária, quando não explorados em campos de concentração, sob a forma de trabalho forçado. Assim sendo, os socialistas declaram que não havendo identificação do capitalismo russo de Estado com o comunismo, não há convergência de alvo, mesmo remota, entre ele e o socialismo.³⁵

- 49) O desenrolar dos acontecimentos colocou em nossos dias o problema da conduta política como escolha entre a adesão ao capitalismo russo de Estado e o capitalismo burguês norte-americano, ambos na fase suprema das sua manifestações imperialistas.³⁶.

Para muitos, a escolha pareceu inevitável, e na Europa vários partidos socialistas optaram por um lado ou outro. O P.S.B. achou que tal escolha, na fase atual e para os brasileiros, é não apenas desnecessária como prejudicial. Repelindo o imperialismo soviético, repele igualmente o imperialismo norte-americano que

35. grifos meus; Posições Socialistas, 1949; p. 6-9.

36. idem, ibid.

nos ameaça diretamente com a voracidade insaciável dos seus trustes.³⁷

59) Repudiando a doutrina do capitalismo de estado, do nacionalismo soviético e do imperialismo armado (que se concretizam no estado totalitário russo), os socialistas repudiam, em consequência, os seus representantes, isto é, os diferentes Partidos Comunistas entre os quais está o brasileiro. Todos eles, (...) visam implantar o estado totalitário, que se revelou incompatível com o socialismo verdadeiro, de vez que esmaga a democracia proletária.³⁸

60) Os socialistas não esperam que o Partido Comunista passa desenvolver uma linha coerente de luta pelo povo, visto que é obrigado a amoldar-se às diretrizes vindas da URSS - o que os poderá levar a propor reformas progressivas em fase de revolução popular ou golpes armados em fase tática conciliatória. Deste modo, os socialistas repelem o Partido Comunista tanto como expressão pretensa do comunismo, quanto como partido brasileiro - isto é, sob o ponto de vista geral e particular.³⁹

37. idea.

38. grifos meus.

39. idea.

- 79) Na sua crítica ao Partido Comunista, o P.S.B., distingue a massa proletária da elite dirigente. Esta, cegamente obediente às formulas russas; aquela, em grande parte caracterizada por uma admirável consciência de classe e denotadora de vocação, de uma intrepidez política socialista capaz de servir de base as conquistas mais fundamentais do socialismo.
- 89) (...) o Partido Socialista poderá, no entanto, colaborar com os antigos comunistas e com qualquer outro partido que não seja fascista, em questões de detalhe. Na questão da anistia aos presos políticos, os agrupamentos socialistas e anti-facistas colaboraram com os comunistas; na questão do petróleo, poderemos com eles colaborar; na Câmara Federal, os nossos deputados se aliaram a eles mais de uma vez em questões de ordem prática, como ainda hoje se aliam, para os mesmos fins a deputados de partidos burgueses.
- 99) (...) Embora mantenhamos a maior independência em relação aos demais partidos, denunciando-os sem exceção, temos que lutar pelas reivindicações indispensáveis à manutenção do precário regime democrático em que vivemos e portanto, temos freqüentemente de compor forças.*

† *idem*, *op. cit.*

109) No seu ataque ao PCB, o Partido Socialista Brasileiro não o considera em separado dos outros partidos, porque se opõe igualmente a todos. (...) Como Partido de Representação Popular não admite colaboração de espécie alguma: quanto ao Partido Social Democrático, sabe que o principal baluarte reacionário no seio da burguesia; em relação aos demais sabe que a União Democrática Nacional é instrumento da burguesia liberal a serviço de interesses comerciais, latifundiários, industriais e bancários; sabe que o Partido Trabalhista Brasileiro e o Partido Trabalhista Nacional são camarilhas de exploração demagógica do proletariado; que o Partido Social Progressista é um híbrido dos demais e que nenhum deles merece a confiança popular.⁴⁰

119) O P.S.B. se propõe lutar nos quadros da democracia burguesa, procurando liquidar, nela as ameaças totalitárias e as escamoteações conservadoras. Sabe que a liberdade burguesa é em grande parte fictícia, mas que é mínimo passível de ampliação por meio da luta diária, da doutrinação e da atividade legal; um mínimo que importa preservar em nossos dias de depravação do sentimento da liberdade, para que [através] do nosso programa de Socialismo e Liberdade, possamos atingir a

40. ABRAND (1949), também publicado em Folha Socialista, 1948.

democracia socialista, com o fim da exploração do homem pelo homem.⁴¹

Como se depreende, Antonio Candido realiza uma crítica radical à todos os partidos políticos do "campo" conservador ou reacionário: o P.R.P. de Plínio Salgado, o P.S.D. do General Dutra e JK, a U.D.N. dos liberais-conservadores. Sobraria ao P.S.B. uma aliança sem muitos "compromissos" com o P.C.B., mas esta alternativa tem reações contrárias na própria direção do partido, liderada por João Mangabeira.⁴²

Capitalismo de Estado: Continuidade da Polêmica

Este texto sobre o "Capitalismo de Estado" foi apresentado por Antonio Candido em nome da Comissão Executiva Estadual, aprovado na reunião plenária da Comissão Estadual realizada em Santos, 27 de junho de 1948, para serem enviadas como sugestões à Comissão Nacional. Haveria resistências e muita polêmica entre a secção paulista do P.S.B. e a direção nacional hegemônica no período histórico.

41. *idem*, *ibidem*. Consultar entrevista com Antonio Candido, onde narra sobre estas onze teses. Anexo I.

42. Ver: ALEM (1988: 105-122), CANDIDO (1992) e LIMA (1974).

"Ainda sobre o Capitalismo de Estado"⁴³

"Considerando que o programa partidário distingue claramente o Socialismo do Capitalismo de Estado, em seu item sobre a socialização, em que diz: "O Partido não considera socialização dos meios de produção e distribuição a simples intervenção do Estado na economia, mas entende que aquela só deverá ser decretada pelo voto do Parlamento democraticamente constituído e executada pelos órgãos administrativos eleitos em cada empresa"⁴⁴

Para Oliveiros Ferreira: "essa declaração não expressa apenas uma norma para o partido quando houver alcançado o governo mas, constitui também, fundamento de seu programa de reivindicações imediatas." Assim, como se vê:

1. Subordinação da nacionalização dos bens de produção pela União, Estado e Município, em cada caso particular, ao voto das respectivas câmaras legislativas;
2. Administração das empresas nacionalizadas por órgãos constituídos de representantes dos respectivos governos, indicados pelo executivo e aprovados pelo

43. Moção apresentada por Oliveiros S. Ferreira e aprovada na II Convenção Estadual do P.S.B., em Campinas, 02 de setembro de 1948.

44. Ideia; grifos meus.

Legislativo e de representantes eleitos pelos empregados da empresa;

3. Nacionalização das fontes de energia, transportes, e indústrias extrativas consideradas fundamentais.

Assim, o autor proporia ratificar o pensamento expresso na circular sobre a questão do petróleo, publicada no n. 19 da Folha Socialista, por "julgá-lo dentro de espírito e letra do programa partidário."

A continuidade da polêmica em torno do "Capitalismo de Estado", foi uma das táticas usadas pelos principais "intelectuais orgânicos" do P.S.B., secção paulista, forçando um aprimoramento do programa democrático-socialista e estabelecendo no seu interior as principais polêmicas, divergências e diferenças políticas dos socialistas naqueles anos de 1947, 48 e 49.

Participação nos Lucros e Socialismo

No item "d", das Posições Socialistas, principal documento de afirmação partidária do Partido Socialista Brasileiro, principalmente do partido em São Paulo, lemos do jornalista Febus Gikovate, aprovada em "reunião ordinária a

Comissão Estadual" em 15 e 16 de janeiro de 1949, a seguinte resolução:

I. O P.S.B. refuta, pelo texto do seu programa todas as teorias reformistas que admitem, de uma maneira ou outra, a transformação do regime capitalista em regime socialista, através de reformas sociais. O P.S.B. é um partido, pela sua própria natureza, revolucionário, que aspira a conquista do poder político, por meios democráticos, a fim de submeter a uma transformação radical à nossa estrutura econômica e política.⁴⁵

Neste sentido: "O P.S.B. não vê outro caminho para a instauração do socialismo a não ser através da realização integral do seu programa, uma vez no poder. Ao P.S.B. são estranhas todas as utopias passadas e presente que negam a importância primordial da conquista do poder político e a abolição da propriedade privada dos meios de produção. Não pretende substituir o regime capitalista, baseado na propriedade individual dos meios de produção, pelo capitalismo de estado, que concentra esses meios nas mãos de uma burocracia estatal, nem tão pouco pela utópica transformação dos trabalhadores em capitalistas."⁴⁶

45. grifos meus.

46. Folha Socialista, Ano II, n. 21, fevereiro de 1949; grifos meus.

Portanto, "não cabe, pois, dentro do espírito e letra do programa socialista, elaborar esquemas que tornem possível alcançar o socialismo através da participação dos trabalhadores nos lucros das empresas."⁴⁷

"O lucro é um dos elementos característicos do sistema de produção capitalista e desaparecerá uma vez abolido o mesmo. A sociedade socialista não conhecerá o lucro. Produzirá valores de uso, para a satisfação das necessidades humanas e não mercadorias para a satisfação da sede de lucro dos capitalistas. Os objetos de uso, produzidos pela sociedade socialista, serão distribuídos entre os componentes da mesma sociedade, de acordo com critérios elaborados por eles mesmos, livre e democraticamente, em função das circunstâncias vigentes. Não pode, pois restar a menor dúvida que a participação dos trabalhadores nos lucros das empresas é uma reivindicação imediata e transitória e só cabível no regime capitalista. E foi esse o motivo que levou o P.S.B. a inscrever a medida em seu programa de reivindicações imediatas e são essas as razões que o leva a defender e

47. *idem*, *ibid.*

exigir a imediata execução deste preceito inscrito na Constituição de 1946."⁴⁸

- A participação nos Lucros é um novo tipo de abono:⁴⁹

II. A participação dos trabalhadores nos lucros das empresas já existe, há tempo, sob forma de gratificações anuais. Ao analisar o hábito da gratificação anual, comum em numerosas empresas podemos tirar algumas conclusões importantes:

1º) As gratificações são voluntárias, não subordinadas à legislação alguma, havendo empresas que não as distribuem;

2º) As gratificações, [muito] raramente, são atribuídas aos operários manuais.

Por meio das gratificações anuais, afirma o documento do P.S.B., os capitalistas criam freqüentemente uma categoria privilegiada de assalariados, muito mais ligados aos interesses das empresas do que aos interesses dos trabalhadores em geral. Para o P.S.B., "há um aspecto de corrupção, muito nítido no atual sistema de gratificações anuais."

48. ABRAMO (1949 : 11); também na Folha Socialista, n. 21, 1949.

49. Posições Socialista, 1949.

39) A gratificação tem caráter de um favor outorgado pelo patrão, cuja "magnanimidade" é com freqüência engrandecida através da imprensa.

Assim: "a participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, consubstanciada em lei, nada mais será do que a mesma gratificação anual"⁵⁰

No entanto, adverte o documento: "as diferenças que surgirão dependerão, naturalmente do texto da lei a ser elaborada pelo Congresso. Passará a ser obrigatória, em vez de voluntária, deixará de ser um favor e passará a ser um direito. Direito de todos os trabalhadores, sem distinção de categoria, não apenas de um grupo privilegiado."⁵¹

A regulamentação do princípio constitucional:

10) "Não podemos, afirma o documento do P.S.B., admitir outras deduções nos lucros das empresas, a não ser as relativas ao imposto de renda. A taxa de remuneração do capital, que alguns pretendem deduzir dos lucros, é a primeira tentativa de fraude em relação ao texto constitucional. O capital só cria lucros no processo de produção e estes lucros não deverá ser proporcional ao salário, a fim de não aprofundar mais ainda a

50. *idem*, *ibid.*

51. *id.*, *ibid.*

diferenciação já existente, na base dos próprios salários. (...) Os lucros deverão ser distribuídos proporcionalmente ao número anual de horas de trabalho sem tomar em consideração a qualidade do mesmo."⁵²

Conclusões:

1. A participação dos trabalhadores nos lucros das empresas não altera a estrutura econômica do regime capitalista e não acarretará, em circunstância alguma, a sua transformação em regime socialista.
2. A participação dos trabalhadores nos lucros das empresas equivale à universalização do regime.⁵³

O Partido Socialista Brasileiro é favorável à participação nos lucros; no entanto o lucro "resulta da própria essência do regime capitalista e com a extinção do mesmo serão abolidas." é dever do P.S.B., "chamar à atenção dos trabalhadores para a iniquidade do regime de exploração capitalista e mostrar a necessidade de substituí-lo imediatamente pelo socialismo democrático."⁵⁴

Mais uma vez, é oportuno afirmar que nem tudo estava assim tão claro, objetivo e com esta crítica radical ao sistema produtivo capitalista. A secção paulista do

52. Folha Socialista, ano II, n. 21, 1949.

53. idem.

54. Folha Socialista, n. 21, 1949; grifos meus.

P.S.B., liderada por Azis Simão, Febus Gikovate, Oliveiros Ferreira, Fúlvio Abramo, Germinal Feijó, Antonio Costa Correia, Antonio Candido, entre os principais, teriam pela frente uma disputa política-ideológica com outras posições do partido, dirigida por João Mangabeira, Domingos Vellasco, Hermes Lima, Dante Costa, entre outros, que afirmariam que o P.S.B. não é um partido anti-marxista, mas a presença de posições oriundas da tradição marxista no seu interior seria causa de "sérios danos no presente e no futuro partidário".⁵⁵

Assim, como afirma Antonio Candido em várias entrevistas, entre elas, à concedida à Profã. M. Barbosa: "o Partido Socialista Brasileiro ficou preso à teia das suas contradições" e por este motivo o partido, enquanto afirmação da sua identidade programática, ideológica, democrática e socialista, cumpre plenamente suas posições políticas no cenário das lutas de classe. Onde PSD/PTB e a UDN, bem como a esquerda liderada e hegemônica pelo PCB, dariam o tom nas Câmaras e Assembleias, elegendo prefeitos, governadores (PSD/PTB) e afirmando-se na política nacional, na qual Getúlio Vargas e seus aliados seriam o sustentáculo de um "capitalismo industrial nacional", estabelecido sobre a hegemonia das "empresas públicas". A grande massa dos trabalhadores assalariados estaria ou sob a tutela do "Estado-Providência" liderado por Vargas (PSD/PTB) ou sob a influência dos sindicatos liderados pelo Partido Comunista

55. LINA (1974); CANDIDO (1992); ABRAMO (1986).

do Brasil e seu "cavaleiro": Luís Carlos Prestes. Ao que parece, esta foi a história dos trabalhadores sob o regime político falsamente chamado de "populista" ou "liberal".⁵⁶

56. CANDIDO (1987) e (1992); sobre o populismo ou a sua crítica nas pesquisas de ciências sociais, consultar: Rubem Barbosa F9: O conceito de Populismo: uma revisão teórica, diss. de mestrado, 1980 (UFMG).

2.4. PARTIDOS SOCIALISTAS: UMA INTRODUÇÃO

Ao longo de décadas na história das lutas sociais e dos movimentos que foram organizados em defesa dos interesses sociais das classes trabalhadoras da cidade e do campo, os partidos operários, socialistas, comunistas, com tendências ou perspectivas revolucionárias ou reformistas, desempenharam um "fator de resistência", ora como contestadores da ordem econômica sob o capital, ora como reformadores desta mesma ordem, com políticas compensatórias, políticas públicas-sociais, capaz de melhorar a distribuição da renda, melhorar as condições de vida, da previdência ou seguridade social etc...

Nesta perspectiva, partidos socialistas, partidos social-democratas ou reformistas, são colocados no mesmo "nível" da análise sociológica. Suas diferenças internas, as polêmicas sobre as conjunturas, sua participação eleitoral e parlamentar, suas debilidades orgânicas, sua estrutura de poder interno etc, são mascaradas ou ignoradas, em nome do seu posicionamento "reformista" ou "social-democratizante" ou ainda: "stalinista-comunista"⁵⁷

Ao longo da pesquisa sobre o Partido Socialista Brasileiro de 1947, nos defrontamos com uma série de problemas, entre eles a definição deste partido, formado por socialistas históricos como Azis Simão, marxista ou comunistas como João da Costa Pimenta e ainda com

57. COLE (1961); BROZ (1977); capítulo sobre os partidos socialistas europeus.

simpatizante do trabalhismo inglês como João Mangabeira. Esta diferenciação política e ideológica interna, bem como as políticas contraditórias do P.S.B., nos levariam a analisar este partido, com maior seriedade, não aceitando rótulos como "reformistas" etc.

Como dissemos, anteriormente, o Partido Socialista Brasileiro de agosto de 1947, formado e oriundo da Esquerda Democrática, dos antigos militantes do P.S.B. de 1932 e 34, bem como das dissidências comunistas e trotskistas dos anos 20 e 30⁸⁸; foi um partido político extremamente heterogêneo e com enorme diferenciação política e ideológica interna.⁸⁹

Seus primeiros anos de afirmação partidária, principalmente a partir de 1947-50, são indicadores da sua luta em prol da implantação nacional e da sua "identidade" democrática e socialista. Elegendo deputados como Cid Franco⁹⁰, Aurélio Viana, Lima e Velasco, fazendo vereadores e alianças com outros partidos para afirmar-se enquanto alternativa de governo e de poder, foram algumas das suas atividades para que os "socialistas independentes", como eram chamados, tivessem alguma expressão partidária, organizativa e eleitoral na sociedade brasileira.

Como afirmamos, nesta segunda parte da dissertação, vamos discorrer e apresentar uma tentativa de

58. O excelente trabalho de pesquisa de MARQUES NETO (1992), narra a formação da Oposição de Esquerda no Brasil dos anos 20 e 30.

59. ALEM (1998 : 10-60); ABRAMO (1987): entrevista à *Teoria & Debate*, n. 1, 1987.

60. Seu filho Walter Franco (poeta e músico), em conversa, revelou que seu pai (Cid Franco) possuía preocupações ecológicas e realizou vários projetos de lei, como vereador e deputado estadual pelo P.S.B., em São Paulo.

análise, capaz de entender as vicissitudes das "posições socialista" do partido e suas insuficiências no período histórico de 1947-50, bem como não deixar de reiterar a posição hegemônica do PCB na história política e das lutas sociais no Brasil posterior à 2ª Guerra Mundial.⁶¹

Os socialistas independentes

O Partido Socialista Brasileiro, P.S.B. é herdeiro das lutas democráticas e socialistas do início do século. Em 1902, Silvério Fontes entre outros ativistas, organizaram o P.S.B.⁶² Na década de 1930, ou mais precisamente em 1932. Socialistas independentes, comunistas dissidentes como João da Costa Pimenta, simpatizantes do "trabalhismo inglês" (Labour Party), como João Mangabeira, o católico Domingos Vellasco, que não aceitara nem o "totalitarismo soviético", nem "o capitalismo desumano", ex-trotskistas, como Mário Pedrosa, através do "semânario de divulgação marxista": Vanguarda Socialista (que iniciou sua publicação em 1945 (agosto) e terminou em 1950) são exemplos de como diferentes sujeitos históricos participariam das lutas de classe do período, que têm no final do "Estado Novo" e na Constituinte de 1946, os seus principais marcos políticos.

61. Sobre o PCB pós-45: VINHAS (1982 : 86-123), CHILCOTE (1982 : 93-105). O historiador Edgard Carone também publicou "uma" história do PCB: CARONE (1982) : P.C.B. (1943-64), Difel, 1982. O 1º volume compreende o período da fundação 1922 até os anos 40. O último volume é de 1964 até 1982, ano do 70º aniversário do P.C.B.
62. Sobre o P.S.B. no início do século, bem como o Centro Socialista de Santos: GITAHY (1992). Também sobre os socialistas em 1902: HARDMAN e LEONARDI(1991). HECKER (1989) analisou a atuação de Antonio Picarollo, um dos militantes mais antigos do socialismo em S. Paulo.

Assim, os socialistas independentes objetivaram um "terceiro caminho" ou "terceira força", que fosse capaz de, diferenciando-se do PCB e do campo político conservador (PSD, PTB, UDN), apresentar uma alternativa de governo com afirmação política e programática: democrata e socialista.⁶³

O processo de industrialização capitalista e a conseqüente expansão urbana, as vicissitudes e debilidades organizativas da classe operária, a influência do "oficialismo trabalhista" do P.T.B., bem como a hegemonia do PCB ao longo das décadas de 1940 e 50, deixariam um campo político, nas lutas de classe e nas instituições burguesas, bastante reduzido para o Partido Socialista Brasileiro. O "partido de quadros", "partido de intelectuais", partido de militantes e seus grupos profissionais (GP) ou grupos de base, partido reformista, fundado em 24 de agosto de 1947, encerrou suas atividades políticas em setembro ou outubro de 1965. Sua política de alianças à partir da década de 1950, seria um de seus maiores problemas a ser estudado e pesquisado, principalmente através de um rigoroso levantamento documental, empírico. Mas, essa é uma outra história e outra pesquisa.⁶⁴

63. A Folha Socialista, tem suas publicações iniciadas em 1947 (novembro) e encerradas em maio de 1965. Muitos números estão sob a guarda do CENAP e também do Arquivo E. Leurenroth, UNICAMP, IFCH.

64. Sobre o PSB em 1902, consultar: FOOT HARDMAN e LEONARDI (1991 : 193); ANTUNES (1982 : 137) assinala o caráter efêmero do PSB em 1932 e 34, sua participação na Constituinte. A repressão policial e política sobre os socialistas e comunistas durante a vigência da Ditadura Vargas em 1937-45, não aparece na historiografia atual. Esquecimento? PINHEIRO (1992), discorre sobre esta questão em relação aos "loucos anos 20" e a década de 1930. Também: MARQUES NETO (1993).

Partido Socialista Brasileiro: Estratégia democrática?

Como sabemos, principalmente à partir de LASKI (1973) em Liberalismo Europeu, as lutas para afirmação das liberdades democráticas, dos direitos civis, políticos e sociais não contou apenas com as concessões das classes burguesas, também a classe operária e os movimentos oriundos do seu interior, foram responsáveis pelas conquistas dos Direitos sociais, civis e políticos. O confronto das lutas de classe, sua dinâmica política no Parlamento, a atuação dos sindicatos, centrais sindicais, partidos políticos com base nas classes trabalhadoras etc., foram momentos significativos e marcos históricos das suas conquista sociais, econômicas, de representação política, parlamentar etc...⁶⁵

A Democracia, não interessa somente às classes economicamente dominantes, mas interessa, com maior força histórica, à lutas dos trabalhadores, dos socialistas, dos comunistas e demais tendências da esquerda, herdeira ou não da tradição marxista-revolucionária.

65. LASKI (1973); os historiadores ingleses, de orientação marxista, estão resgatando esta história: E. THOMPSON, E. HOBBSBAMN, entre outros. Na França, através da revista Le Movement Social, os pesquisadores WILLARD, LEFRANC, JULLIARD, PERROT, KRIEGEL entre os principais, estão resgatando a memória dos socialistas, comunistas e anarquistas em diferentes períodos históricos.

2.5. A LUTA ELEITORAL E PARLAMENTAR

Nesta parte vamos interrogar a "estratégia" democrática do P.S.B., sua viabilidade e incompletudes ou debilidades.

1. Participação eleitoral e parlamentar dos socialistas;
2. O socialismo reformista.

A Luta eleitoral e parlamentar:

1. Na Folha Socialista, 30 de setembro de 1950: "como servir à causa dos operários no Parlamento":

"A participação e a luta dos socialistas nos corpos legislativos da democracia burguesa sempre foi um problema tático que preocupou não só os teóricos com os operários. A orientação que o militante socialista eleito para as câmaras legislativas deverá imprimir a seus trabalhos é sumamente importante na medida em que dele dependerá, numa escala maior ou menor, a penetração de ideologia socialista na classe operária".

"(...) Cabe lembrar aqui algumas palavras de Rosa Luxemburgo a respeito da posição dos

socialistas nos parlamentos burgueses: "o programa socialista contém medidas que se enquadram no esquema geral das reformas sociais levadas à efeito pela burguesia sem condenar seu apoio a essa medidas, assina Luxemburgo, que o parlamentar socialista se distingue dos demais representantes na maneira pela qual apóia ou combate tais medidas."⁶⁶

Aos parlamentares socialistas, importa como realizam a luta pela transformação da sociedade, não as medidas de reforma que venham ou não apoiar.⁶⁷

"Sem dúvida, o programa socialista contém reivindicações que - abstratamente falando - poderiam ser aceitas por um governo ou um parlamento burguês. Por isso, à primeira vista é possível imaginar que um socialista pode, no governo como no Parlamento, servir à causa do proletariado, esforçando-se por arrancar em benefício deste tudo o que for possível obter no domínio das reformas sociais. Mas, aí ainda, vem a cena um fato que a política oportunista sempre esquece, o fato de que na luta do socialismo, não é o que mas como que importa, quando os

66. Folha Socialista, 30 set, 1950.

67. Folha Socialista, 1950.

representantes socialista procuram realizar reformas sociais nos corpos legislativos, têm, pela sua oposição simultânea ao governo e à legislação burguesa em conjunto - que vem achar expressão clara, por exemplo, na recusa do orçamento - ampla possibilidade de dar igualmente à luta pelas reformas burguesas um caráter socialista e de classe proletária".⁶⁸

"Assim, enquanto a progressão dos socialistas nas representações populares conduz ao reforçamento da luta de classe, a sua penetração nos governos só pode trazer às fileiras do socialismo a confusão e a corrupção."

Desse modo finaliza, os princípios apontados na Folha Socialista:

"Em um só caso podem os representantes da classe operária entrar num governo burguês, sem renegar a sua razão de ser: para apossar-se dele e transformá-lo em governo da classe operária, senhora do poder."⁶⁹

68. Folha Socialista, 30, set., 1950; grifos meus.

69. idea, ibidea.

Como verificamos, a preocupação do articulista da Folha Socialista é a possibilidade dos socialistas independentes, influenciados pelos escritos de Rosa Luxemburgo, e utilizando-se do Parlamento burguês, distinguírem-se dos partidos conservadores, mas sem "trair" ou deixar "corromper-se", no interior do Parlamento, sendo deste modo, um legítimo "representante da classe operária".

Mais uma vez, é preciso entender que esta posição apresentada na Folha Socialista não deveria ser hegemônica no interior do partido. Posicionamento, como de João Mangabeira, apontavam o Parlamento como um meio, que deveria ser usado para avançar nas "reformas sociais" assim como aliar-se aos partidos democráticos e progressistas para vencer as suas propostas no conjunto da disputa política-partidária e parlamentar.⁷⁰

O debate em torno da participação ou não na luta institucional-parlamentar, bem como a defesa feita por socialistas e comunistas sobre o regime de governo parlamentarista foi muito extenso e acabou por produzir uma longa trajetória de erros e acertos dos partidos social-democratas, socialistas e comunistas.⁷¹

70. MANGABEIRA (1979).

71. A divisão entre correntes políticas muito próxima ou dos "irmãos-inimigos", levaria à várias vitórias de grupos conservadores ou ultra-reacionários, como Hitler na Alemanha da década de 1930. Consultar: HOBBSBANN (1982). Em contrapartida, em 1939, realizou-se o Pacto Germano-Russo.

A campanha dos socialistas:

"Porque votar nos candidatos do Partido Socialista Brasileiro [é] votar no Partido dos trabalhadores". O candidato se propunha: "fiscalizar o que fazem os deputados dos homens do dinheiro nas Câmaras, o que fazem os políticos que servem os homens de dinheiro, e porque o custo de vida chegou a brutalidade dos preços de hoje!"

Nossa luta, diz a propaganda socialista,

"visa impedir que o povo continue a ser explorado, até o dia em que formos maioria e então impusermos a execução de nosso programa no rumo do socialismo, para elevação e a dignificação do homem!" Termina, com: "o voto é secreto!"⁷²

"Nosso dever de socialista é mostrar a diferença, a separação entre os interesses dos capitalistas, de um lado, e os interesses dos trabalhadores e da classe média, de outro lado, o interesse dos meios de produção e distribuição e os interesses dos que precisam abolir essa propriedade."

72. Comitê de apoio à candidatura Patricia Galvão: Folha Socialista, 26, ago, 1950.

"Quando a percepção desse antagonismo se transformar em concepção política, em doutrina, em voto consciente, (...) estaremos às portas de uma revolução socialista pacífica e democrática."(sic)⁷³

O que transparece nesses trechos é a falta de uma concepção clara, objetiva, da luta no interior do Parlamento e das diferenças possíveis entre os socialistas e os demais componentes deste Parlamento na questão das reformas sociais, bem como da possibilidade objetiva da revolução socialista, ou da sua estratégia diante, ou através da democracia burguesa-liberal.⁷⁴

73. Folha Socialista, 29, jul, 1950.

74. A revolução burguesa no Brasil, ocorreu de maneira singular, ou melhor: "não clássica". As classes populares foram violentamente excluídas. Neste sentido, Florestan Fernandes afirma: a Nação brasileira "nasceu tardiamente para a Democracia"; Nova República?, RJ, Zahar, 1986.

2.6. O Socialismo Reformista: primeiras observações

"Nosso século, em face do século XIX [assemelha-se] ao renascimento da fatalidade."⁷⁵

Ao longo de décadas os movimentos operários e as classes trabalhadoras se dispuseram à ocupar espaços públicos através dos seus sindicatos, partidos políticos, centrais sindicais, federações internacionais e outras formas de resistência, luta e organizações.

Foram décadas para alcançar, na teoria e na prática, conquistas sociais, econômicas e políticas capazes de "fazer frente" ao pungente movimento internacional de expansão econômica capitalista.⁷⁶ Capitalismo concorrencial, monopolista ou oligopolista, com diferentes formas utilizadas pela ciência e a tecnologia para modernizar o processo de trabalho, alterando sua estrutura e trazendo impactos na consciência operária, bem como em sua atividade física e psicossocial.

Um mundo, como diria Karl Marx: produzido pelo capital, feito sua "imagem e semelhança".

Neste Mundo industrializado e tecnificado, que os trabalhadores, suas lideranças e suas "vanguardas"

75. A citação de André Malraux está em: DOLLEANS: H. du Mov. Ouvier, Paris, A. Collin, 1967.

76. A elaboração de Karl Marx e dos "marxismos", tem como referência a interdependência entre Teoria e Prática. Neste sentido, a crítica da Economia Política feita em O Capital, tem como objetivo a transformação radical do sistema produtivo capitalista.

construíram o seus partidos, sindicatos, centrais sindicais e se utilizaram do Parlamento, da estrutura jurídica-política, para conquistas parciais, imediatas, afirmando sua "identidade" operária, com direitos sociais, civis e políticos.

Com relação aos partidos políticos, um fenômeno social e ideológico parecido ocorreu. Os partidos comunistas foram as organizações tradicionais da classe operária e dos interesses das "maiorias populares", principalmente a partir da década de 1920.⁷⁷ O impacto da Revolução Russa em outubro de 1917, as comissões operárias que proliferaram na Europa, a Segunda Guerra Mundial desencadeada pelo nazismo (Alemanha) e fascismo (Itália) e a experiência das ditaduras, da resistência operária ao longo de décadas de derrotas, vitórias parciais e a conquista dos Direitos Trabalhistas, consagrados em várias Constituições modernas e democráticas; foram os marcos históricos com os quais os partidos comunistas souberam lutar em prol da "democracia operária", da Liberdade e da construção de uma "sociedade sem classes".

No entanto, o confronto e a experiência social com as classes dominantes ou economicamente dominantes, tiveram os seus revezes, seus dissabores e esperanças vãs. Os partidos comunistas, socialistas, reformistas foram efêmeros durante alguns períodos históricos. Suas lutas foram

77. O Partido Comunista Italiano, foi fundado em 1921. O P. C. [Brasileiro], seção da Internacional Comunista, foi fundado em março de 1922.

interrompidas por pressões policiais, com violências, prisões e arbitrio, em defesa da "ordem", da "tranquilidade", da "paz social" ou como o P.T.B., criado por Vargas, tendo como lema: "a harmonia capital e trabalho".⁷⁸

O período aberto com a Assembléia Nacional Constituinte em 1946 e interrompido com o golpe político-militar em 1964, 19 de abril, aparece na História como a "era dos partidos", do "nacional-desenvolvimentismo", foi na verdade, a era onde a sociedade brasileira urbanizou-se, industrializou-se, complexificou-se, em uma palavra: teve o movimento de expansão capitalista acentuado principalmente a partir das décadas de 1940, 50 e 60.

Neste processo histórico, que tentamos analisar o Partido Socialista Brasileiro (PSB), produto de inúmeras correntes políticas do movimento social de oposição à Ditadura Vargas, em 1942-45, com Socialistas independentes, ex-trotskistas como Mário Pedrosa, ex-comunistas como Arnaldo Pedroso D'Horta, Antonio Costa Correa e João da Costa Pimenta e socialistas, anti-stalinista, como Antonio Candido, Paulo Emilio Salles Gomes, Febus Gikovate, Azis Simão, vemos que o Partido Socialista Brasileiro marcou posições, como narra Antonio Candido em várias entrevistas, já mencionadas anteriormente. Apesar de tudo, ou contando com inúmeras dificuldades postas pela constituição e

78. NEVES (1989); entrevista de Arnaldo Sussekind narra a criação do P.T.B., através de uma reunião no Ministério do Trabalho, consultar: Estudos Históricos, 1993.

desenvolvimento do capitalismo industrial no Brasil, o P.S.B. sob o lema: Socialismo e Liberdade, apresentou propostas de reformas sociais, de uma "socialização progressiva e gradual", em nome do anti-stalinismo ou da "ditadura" soviética e contra as injustiças sociais do "capitalismo selvagem" brasileiro, apresentou-se como "terceira via", "terceira força" ou UM TERCEIRO PARTIDO NOS CAMINHOS DA LIBERDADE, na expressão de Patrícia Galvão.⁷⁹

Em 1980, na famosa reunião do Colégio Sion, em São Paulo, os socialistas independentes novamente estariam presentes, entres eles: Antonio Candido, Sérgio Buarque de Hollanda, Mário Pedrosa. Agora, o partido teria inúmeras tendências internas e teria um novo nome: P.T. : Partido dos Trabalhadores. Era liderado, não por Luís Carlos Prestes, mas por Luís Inácio da Silva, o Lula.

Para desgosto dos agnósticos e reacionários "neo liberais", a História teria a sua continuidade. O fim seria para aqueles que continuam apostando, ingenuamente, na "eternidade" do modo capitalista de produção. Assim, poderia aclamar o presidente nacional do Partido Socialista Brasileiro, dois anos antes do golpe político-militar, que iria encerrar a "era dos partidos":

"LIBERDADE SEM SOCIALISMO, DE FATO, LIBERDADE NÃO É SOCIALISMO SEM LIBERDADE, REALMENTE SOCIALISMO NÃO PODE SER." ➡

79. Vanguarda Socialista, 3, maio, 1946.

80. JOSÉ MANGABEIRA, 1963. Manifesto Programa do P.S.B. em 1987.

CAPÍTULO III

QUAL SOCIALISMO?

Ao longo dos dois últimos capítulos, apresentamos a principais questões, problemas e polêmicas da cultura política da esquerda no Brasil pós-1945. A hegemonia política e eleitoral nos anos de legalidade do Partido Comunista do Brasil, 1945-47. A construção ou tentativas de implantação nacional do Partido Socialista Brasileiro, sob o lema: Socialismo e Liberdade.

Procuramos destacar suas principais lideranças, como na secção paulista do P.S.B.: Febus Gikovate, Fúlvio Abramo, Antonio Candido, Germinol Feijó, Antonio Costa Correa, Arnaldo Pedro D'Horta, Paulo Emílio Salles Gomes, entre os principais. Bem como, destacamos os membros da direção nacional do P.S.B. e suas posições "moderadas": Hermes Lima, Mangabeira, Vellasco e Dante Costa. Nesta última parte da dissertação, iremos apresentar a concepção política e programática do socialismo, apresentado pelo P.S.B. Seus problemas, debilidades ou tênue definição ideológica.

3.0 Socialismo Reformista?

Para Alem (1988:), os partidos socialistas estavam teórica, ideológica e politicamente divididos. No pós-Guerra, os socialistas realizariam um Encontro pela Paz. Os partidos socialistas europeus e a Social-Democracia na Alemanha, seriam os principais partidos que iriam sustentar a "recriação do espírito da II Internacional, baseados nas idéias de democracia, parlamentarismo, conquistas parciais e graduais e a idéia tênue e difusa ou inconclusa de "socialismo democrático".

Também Alem (1988) afirma que a luta por uma "Internacional Democrata e Socialista" ficou no "limbo da História", não obtendo resultados ou êxito político-organizativo.

Entre os principais animadores desta Internacional, estaria João Mangabeira, que defendia posições políticas da II Internacional e, portanto, do "socialismo" democrático e reformista.

É claro que no interior do Partido Socialista Brasileiro (P.S.B.) não foram poucos, como Fúlvio Abramo, Antonio Candido, Febus Gikovate, Germinal Feijó, Azis Simão os que se apresentaram contra esta filiação internacional; Azis Simão, em Posições Socialistas, apresenta uma proposta de "internacionalismo socialista e democrático".¹

1. ABRAMO (1949); ALEM (1988:129:133)

O Socialismo do P.S.B.:

No Manifesto da Esquerda Democrática (E.D.) encontramos: "a propriedade tem, antes de tudo, uma função social, não devendo ser utilizada contra o interesse coletivo; e defende um programa de reforma econômica, inclusive gradual e progressiva socialização dos meios de produção, à medida que a exigirem as condições objetivas do desenvolvimento material do País. E tudo isso como expressão da maioria, manifestada pelo processo democrático".²

Como se depreende, a questão central da proposta socialista está na propriedade. Neste sentido ela teria uma "função social" e estaria submetida ao "interesse coletivo". As reformas econômicas seriam "graduais e progressivas" e isto seria uma expressão "democrática da maioria". Esta concepção "socialista" da propriedade e da sua socialização estaria muito próxima das posições programáticas dos partidos socialistas europeus, da Social-Democracia na Alemanha, bem como do Partido Trabalhista na Inglaterra.³

Para estes partidos socialistas a disputa no Parlamento, as conquistas graduais e parciais, bem como os "pactos" que precisariam ser feitos com as "classes empresariais", para obter as conquistas parciais e progressivas; seriam seus objetivos.

2. Manifesto da E.D.: CARONE (1981:21-27); grifos meus.

3. LEFRANC (1974: 11-21); o autor afirma que seria um "socialismo sem doutrina".

Outro aspecto estaria relacionado com a concepção do partido político. Partido de massa ou de quadros? Ao longo da dissertação surge que a composição política e social do P.S.B. estaria em um partido de "proletariado e classe média". Tal posição programática iria refletir o recente processo de "urbanização" capitalista, ocorrido ao longo das décadas de 1940, 50 e 60. As "classes médias" urbanas com os funcionários públicos e demais trabalhadores assalariados seriam o alvo ou objetivo político e eleitoral do P.S.B. naquele período. Lembrando que sua composição ideológica e social seria fortemente marcada pelos intelectuais, advogados, jornalistas, médicos, lideranças sindicais, como João Costa Pimenta, líder do sindicato dos gráficos em São Paulo.*

Neste sentido, o P.S.B. também iria partilhar das diferenças e contradições políticas oriundas da chamada "terceira via": "entre a direita da opressão e a esquerda totalitária, afirmaria Patrícia Galvão, estaria um terceiro caminho; de crítica ao stalinismo e da proposição de um "socialismo democrático". É preciso lembrar que inúmeras lideranças dos anos de 1920 e 30, que estiveram na formação da "Oposição de Esquerda" no Brasil, estariam no Partido Socialista Brasileiro. Entre eles: Mário Pedrosa, Lívio

-
4. CERRONI (1982); em um curso realizado em Todi, Itália, este autor apresentou a sua proposta socialista de um "partido de massas moderno e democrático". Suas teses não possuem muitas novidades, com o "euro-comunismo".
 5. A biografia do fundador do P.C.B., depois na Oposição de Esquerda e no P.S.B., está em MARQUES NETO (1993:105-108)

Xavier, Patrícia Galvão, Fúlvio Abramo, Aristides Lobo, João da Costa Pimenta.⁶

Este "entrismo" no P.S.B. foi retratado nas páginas da Vanguarda Socialista (1945), quando Hylcar Leite, Edmundo Moniz e Mário Pedrosa, foram seus principais interlocutores.

Como se verifica, a construção e implantação de um "partido socialista e democrático" no Brasil é de difícil entendimento. Um conjunto de fatores, entre eles as relações entre "Estado industrializante" e a "sociedade civil débil e gelatinosa", acabam por impor limites históricos, organizativos e políticos para uma atuação dos "socialistas independentes" nas conjunturas políticas dos anos de 1940 e 50.

Hoje, fenômeno social parecido, também ocorre: o Partido dos Trabalhadores, dividido de forma inexorável em várias e contraditórias tendências, procura, como afirma MARQUES NETO (1993): "um perfil que o defina". Mais ainda: "o regime do chamado 'socialismo real', que Pedrosa combateu, ruiu com a velocidade que deixou perplexos todos os que acreditavam ser esse regime suficientemente socialista"⁷

"Mas, felizmente, há o lúcido otimismo de pessoas como Mário Pedrosa, que, com sua história de vida, pode ao menos nos chamar a não limitação

6. MARQUES NETO (1993: 21-30), também: FACCIOLI (1985:128-34).

7. MARQUES NETO (1993:253)

intelectual e à audácia necessária aos grandes desafios".

Neste sentido, Pedrosa defende uma nova proposta socialista e de partido:

"o socialismo não consiste apenas na conquista do poder pelo proletariado e na execução das reformas de estrutura com a socialização dos meios de produção. O socialismo é a ação consciente, cotidiana e constante das massas, mas por elas mesmas e não por meio de uma "procuração" a um partido de vanguarda mais consciente".⁸

Como se depreende, o Partido Socialista Brasileiro marcou posições, como afirma Antonio Candido em entrevista anexo à esta dissertação, posições que foram retomadas posteriormente, no Partido dos Trabalhadores, na concepção política de um "partido de massas, democrático e socialista". No 19 Congresso Nacional do P.T., Lula iria "pedir" para dissolver todas as tendências; para este dirigente teríamos um partido onde "cada um pudesse dar a sua contribuição". No entanto, aí estariam as principais debilidades teóricas, programáticas e ideológicas do P.T. Como retomar o "fio da História" onde socialistas independentes, como Antonio Candido, propõem um "socialismo

8. MARQUES NETO (1993:252); grifos meus.

adequado ao tempo"? Mas como reunir num só partido: católicos, trotskystas, socialistas, marxistas como Florestan Fernandes, social-democrata como Paul Singer, entre outras tendências ou correntes de opinião?"

Para isto uma "insuficiente" democracia interna ou pluralismo seria a solução?

Retomamos a História, Partido Socialista Brasileiro: Socialismo e Liberdade. A História, como diria Karl Marx, se repete: como farsa ou tragédia.⁹

Para encerrar, encontramos em SPINDEL (1991:77), uma análise sobre o Partido Socialista Brasileiro: "a ideologia deste partido é bastante interessante. Definia-se como socialista mas não marxista, querendo com isto dizer que não aceitava as idéias marxistas-leninistas. A leitura que Lénin fizera da obra de Marx e que gerara o regime soviético era recusada pelos teóricos deste partido. Colocavam-se contra a União Soviética, acusando-se de haver implantado um capitalismo de Estado no lugar do socialismo e de haver erigido um Estado (soviético) totalitário. (...) Pretendiam atingir [conquistar?] a sociedade socialista sem cercear as liberdades democráticas, o que equivale dizer que não aceitavam a idéia de ditadura do proletariado. Recusavam igualmente a doutrina trotskista, aproximando-se

9. No primeiro momento, o P.T. fundado em 1980, colocou-se como um "partido de massa". Depois à partir de 1987-8, definiu-se claramente pelo "socialismo democrático-revolucionário". Nos últimos anos a definição continua relegada ao segundo plano...

10. Citação do O 19 Brumário de Luis Bonaparte.

suas idéias, em diversos pontos, daquilo que hoje é exposto pelo movimento euro-comunista".¹¹

Para sermos precisos, as concepções democráticas e socialistas, principalmente dos "socialistas independentes" do P.S.B. em São Paulo, poderiam ser semelhantes ou parecidas com as do movimento euro-comunista. No entanto, dentro deste movimento político de idéias, somente à partir de 1956-58, os partidos comunistas passaram a criticar o "totalitarismo" soviético e os aspectos negativos da política stalinista. Lembramos que o relatório Krushev deixou muitas lacunas e possibilidades objetivas para a continuidade e para a ação dos "herdeiros" de Stálin.¹²

-
11. SPINDEL (1971), escreveu "uma introdução" ao O que é socialismo?; grifo meu. O autor conseguiu entrevistar o jornalista Febus Gikovate, principal intelectual do P.S.B. seção paulista. Gikovate faleceu em 1979.
 12. Sobre o stalinismo: SOUVERAINE (1966). Os principais teóricos críticos do stalinismo estariam vinculados ao P. C. Italiano. Entre eles: Cerroni, Togliatti, Gruppi, entre os principais. No entanto, realizar uma crítica radical ao stalinismo seria "abandonar" posições no debate marxista. Será que estes militantes e intelectuais estariam dispostos à propor o fim do "modelo" de partido comunista para alcançarmos um partido de "novo tipo": moderno, "de massas", a Democracia como valor universal e o Socialismo anti-stalinista? Não é gratuita a mudança do nome do P. C. Italiano para "esquerda democrática" ou P.D.S.: partido da "sinistra"(esquerda) democrática. Ironias da História.

ANEXO I

**ANTONIO CANDIDO:
UM CLIMA INTELECTUAL**

A entrevista realizada com Antonio Candido de Melo e Souza, crítico literário e professor aposentado da Universidade de São Paulo, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, foi, sem dúvida, um dos momentos mais importantes e realizadores da pesquisa sobre o Partido Socialista Brasileiro, de 1947.

Antonio Candido discorreu sobre a sua geração de intelectuais. Fez uma revisão ou descrição das origens do Partido Socialista Brasileiro, da década de 1940, falou de antigos militantes e da influência política e intelectual de Paulo Emilio Salles Gomes, falou sobre Clima, revista de 1941, sobre os posicionamentos contra o nazi-fascismo, a Ditadura Vargas e referiu-se a Cuba.

Neste testemunho histórico ficam impregnadas as marcas e a coerência deste digno intelectual, que se não foi um "bom militante", sempre soube posicionar-se com outros intelectuais na luta pela Democracia, pela Liberdade e pelo Socialismo Democrático.¹

¹ Tive a colaboração na transcrição das fitas de Luciane e Viviane, alunas do curso de Ciências Sociais, Campus de Araraquara, UNESP. Marcos Antonio Picolo, como sempre, colaborou com os recursos materiais e técnicos para o bom desempenho do nosso trabalho.

P. Renzi - Qual a sua avaliação da atmosfera intelectual e cultural dos anos 40 e 50?

A. Candido - Para entender bem essa atmosfera é preciso remontar aos anos 30 e lembrar que neles o que caracterizou os intelectuais foi o problema da opção ideológica, que se colocou para eles pela primeira vez no Brasil. Até então os intelectuais podiam fazer ou não as suas opções. Frequentemente nem pensavam em política e muitos deles se ligavam à política oficial. Mas, depois de 1930, a perspectiva deles mudou porque os problemas sociais ficaram candentes devido aos acontecimentos daqui e do mundo: os efeitos da Revolução Russa e do fascismo, a crise de 1929, o começo da transformação do Brasil de país predominantemente agrário em país semi-industrializado. O que estava se esboçando nos anos 10 e sobretudo nos anos 20 se tornou agudo nos anos 30. Os intelectuais começaram a optar politicamente e os anos de 40 e 50 são fruto dessa circunstância, que era novidade no Brasil. Eles ficaram à esquerda, à direita ou no centro, mas praticamente não houve neutros nas novas gerações. Nós fomos formados pela idéia que o intelectual deve assumir uma posição e isso era incentivado pelos gurus daquele tempo, pelos escritores que nós líamos, sobretudo os franceses, mas também alguns russos, italianos, alemães. Sabíamos, por exemplo, que Charles Mauras era de direita e André Malraux de esquerda e optávamos frequentemente por influência deles, mas

estimulados pelos acontecimentos posteriores a 1930. Creio que aí estão as bases das nossas opções no decênio de 40.

P. R. - Como se deram as opções?

A. C. - Um grande número de intelectuais optou pelas soluções de direita, mas eu fui de um grupo que optou pelas soluções de esquerda. Cada um optou conforme as influências que recebeu e as tendências pessoais. Hoje eu vejo com serenidade os que optaram pela direita, embora naquele tempo fôssemos adversários às vezes ásperos. Por exemplo: o integralismo era a forma brasileira do fascismo, mas se penso nos integralistas individualmente, vejo que alguns deles o adotaram movidos pelas mesmas preocupações que me levaram para a esquerda, tanto é assim, que não raro acabaram depois vindo para o lado desta. A partir de 1940 houve muitos ex-integralistas que se tornaram bons militantes de esquerda, inclusive como deputados comunistas. Por que? Por que nos anos 30, quando era essencial que os intelectuais se preocupassem com os problemas sociais, um jovem de "boa família" tendia para o lado da direita, que é conservadora. Mas muitos integralistas de boa vontade queriam a luta contra o capitalismo estrangeiro imperialista, queriam uma condição de vida digna para a classe operária, contanto que fosse sob a tutela de uma elite. Tirando a terceira parte, as duas primeiras eram de certo modo comuns ao pessoal de esquerda. Com isso não quero dizer que o integralismo era uma coisa boa, nem que tinha

razão; quero apenas dizer que, pensando nos intelectuais que optavam, havia intelectuais integralistas que faziam a opção errada por motivos certos. Nesses casos vemos que tanto na esquerda quanto na direita a opção se deu com base num interesse pelos problemas sociais no momento. Por isso Paulo Emilio Salles Gomes dizia que era preferível um rapaz ser integralista do que ser absenteísta político. Nós éramos apolíticos naquela altura e Paulo Emilio dizia: "O apolítico está sempre errado. É melhor assumir uma posição de direita do que não assumir posição nenhuma. Veja como o pessoal estava impregnado naquele tempo da necessidade de opção.

P. R. - Por que a sua opção política se deu pela Esquerda Democrática, depois de 1947 denominada Partido Socialista Brasileiro, e não pelo Partido Comunista, que era hegemônico na época dentro da esquerda?

A. C. - Foi o seguinte. Não tenho e nunca tive temperamento político. Nem cabeça política. Não sei pensar politicamente, por isso a política foi sempre para mim uma atividade lateral que eu exerci de maneira aleatória, como militante pouco persistente. Sou um intelectual que assume posições políticas, o que é outra coisa.

Nos anos 30 sofri algumas influências. Para começar: meu pai era um liberal que se interessava pela Revolução Russa e tinha muitos livros a respeito, que recentemente foram doados em parte para a UNICAMP. Por isso, com 12 ou 13 anos eu já estava lendo livros sobre ela, uns contra, mas na

maioria a favor. Além disso, convivi com dona Teresina Carini Rocchi, onde moramos a partir de 1930. Ela tinha tido muita atividade política na mocidade aqui em São Paulo e poderia ser classificada como anarco-socialista. Lia muito sobre política e me deu muitos desses livros, me doutrinou contra o fascismo e me comunicou uma espécie de afetividade socialista. Tive também um colega de ginásio cujo pai era anarco-sindicalista. Ele contribuiu para me familiarizar com as idéias de esquerda, em longas discussões nas quais eu sempre me opunha às suas posições que, no entanto, foram me atraindo cada vez mais. Depois, quando eu tinha uns 15 anos, uns amigos meus que eram de esquerda e moravam em Santos mudaram para Poços de Caldas e me fizeram ler alguns livros fundamentais como a História do socialismo e das lutas sociais, de Max Beer. Esse livro foi decisivo para mim. Também foi importante a maneira de ler os romances do Nordeste. Nós líamos os livros de Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, Amando Fontes, João Cordeiro, Cordeiro de Andrade como romances de esquerda, porque contava a vida dos pobres e as lutas sociais. Quando somos adolescentes e em vez de ler livros sobre condessas ou amores na alta roda lemos livros sobre o pobre, o negro, o operário, o oprimido, acabamos entrando num caminho de inconformismo. Neste sentido, os romances sociais dos anos 30 funcionaram para nós como verdadeiro estímulo para o socialismo, mesmo quando não fosse esta a sua intenção.

Em Poços de Caldas havia um grupo integralista forte e isso estimulava a opção. Eu tinha 15 ou 16 anos e optei contra. Não quer dizer que tenha começado a militar. Era apenas uma atitude, uma convicção. Quando isto acontece, toda a sua afetividade e a sua inteligência começam a se cristalizar em torno da posição pela qual optou. Eu não me dizia socialista, mas era contra a direita e ia aos poucos pensando com os rapazes de esquerda. Por exemplo: veio a guerra da Espanha e nós ficamos contra Franco. Veio a guerra na Abissínia e nós ficamos contra Mussolini. Surgiu a Aliança Nacional Libertadora e nós simpatizamos com ela. Mesmo antes de assumir uma linha definida teórica e praticamente, a sensibilidade vai se cristalizando em torno dela. Assim, eu tinha simpatia pelo movimento socialista e as minhas reações foram se ordenando de acordo, mas não era ainda um socialista.

Estas tendências se acentuavam pela influência de um professor francês de filosofia que tive na Faculdade a partir de 1939, Jean Maugüé, que era simpatizante comunista e aconselhava a leitura dos livros de Marx, com um espírito muito aberto. Mas o momento decisivo foi pela altura de 1942 e 1943, sobretudo pelo convívio com Paulo Emílio, que foi fundamental para mim e para outros no sentido de caracterizar o tipo de esquerda que devíamos adotar. Se nos anos 40 eu quisesse assumir uma atitude política mais definida e não conhecesse Paulo Emílio, é possível que tivesse ficado trotskista e até stalinista, porque estas

eram as duas opções principais na esquerda. Havia grandes intelectuais e escritores no Partido Comunista, como Caio Prado Júnior, Graciliano Ramos, Astrojildo Pereira, Jorge Amado e a luta da União Soviética contra os nazistas a partir de 1941 despertou por ela uma grande simpatia na classe média. Por outro lado, naquele tempo eu li muito as obras de Trotski e fiquei entusiasmado, aceitando as suas críticas ao que deconsiderava com razão a degenerescência do regime soviético. Mas aí entrou a influência de Paulo Emílio, que preconizava um tipo de socialismo independente. Ele tinha participado da Aliança Nacional Libertadora em 1935, com tendência automaticamente stalinista. No fim daquele ano foi preso, mas fugiu da prisão e foi para a Europa, onde entrou em contacto com grupos e pessoas de orientação marxista, mas não stalinistas nem trotskistas. Em contacto com esses meios em Paris, onde morou dois anos e tanto, mudou a sua posição, e quando voltou para cá eu o conheci, no fim de 1939, começou a nos comunicar essas coisas, a nos dar livros reveladores, como o de Alexandre Barmine, alto funcionário que fugiu para a Ocidente e revelou as iniquidades do regime stalinista. Lembro da impressão que tive vendo as atas dos Processos de Moscou. Fiquei petrificado quando li as declarações dos grandes revolucionários de 1917, como Bukarin, Zinoviev, Kamenev, Radek, Piatakov e outros "confessando" que eram todos traidores a serviço das potências capitalistas! Foi uma das farsas mais trágicas e mais ignominiosas da história.

Esses Processos de Moscou tinham sido decisivos para Paulo Emilio rever a sua posição e, através dele, para alguns de nós. Outros rapazes que eu fui conhecendo naquela altura passaram por experiências paralelas, como Antonio Costa Correia, que tinha sido militante da Juventude Comunista e chegou a digerir os Processos, mas não agüentou o Pacto Germano-Russo em 1939. Quando Hitler fez acordo com Stalin, ele se afastou. Arnaldo Pedroso d'Horta foi líder da Juventude Comunista, mas também se desiludiu, como Febus Gikovate, que passou do Partido Comunista para a oposição trotskista e depois saiu à busca de uma nova posição, como os outros que mencionei.

Eu amadureci politicamente ao lado de pessoas como estas, que tinham sido stalinistas e haviam adquirido horror ao stalinismo, sobretudo por causa dos Processos de Moscou, que provocaram neles uma espécie de iluminação retrospectiva: eles entenderam que estavam enganados fazia muito tempo, que Stalin era de fato um tirano e que Trotski tinha razão ao dizer que na Rússia se instalara uma degradação da revolução proletária.

Havia um outro tipo de anti-stalinistas, como Azis Simão, por exemplo, que nunca foi ligado ao Partido Comunista, sofreu influência dos anarquistas, tinha temperamento liberal e militou no Partido Socialista de 1933. Com todos eles eu aprendi muito, inclusive porque era o único sem experiência política.

P. R. - E o Germinal Feijó?

A. C. - Germinal é o único sobrevivente dos que mencionei. O pai dele foi anarquista e creio que depois se tornou simpatizante comunista. Mas Germinal não era. Foi sobretudo um grande líder estudantil na Faculdade de Direito na luta contra a ditadura do Estado Novo. Era um socialista democrático sem grande preocupação teórica mas muito senso político, um ativista destemido, firme nas suas convicções. Quero ainda mencionar um litógrafo austriaco que bem mais tarde fundou a POLOP e nos anos 40 fez parte do nosso grupo. Chamava-se Eric Czaskes e era um marxista ortodoxo, para quem o stalinismo era o mal sobretudo por ser uma traição ao marxismo. Os seus mestres eram comunistas alemães dissidentes, como Brandler e Thalheimer, cujos textos nos revelou. Lembro que me deu para ler o livro terrível do general Krivitski, que foi dirigente da polícia política soviética e depois de refugiado no Ocidente revelou incríveis barbaridades, acabando assassinado pelos agentes de Stalin (aliás, o livro dele se chamava, na tradução pelo menos, ironicamente, Agente de Stalin).

P. R. - Como começou a sua militância?

A. C. - Começou em 1943 do seguinte modo: Paulo Emilio, interessado em lutar contra a ditadura do Estado Novo e em debater o problema de um socialismo independente, adequado às condições do Brasil, reuniu um grupo de rapazes que queriam a mesma coisa. Além dele, Antonio Costa Correia,

Eric Czaskes, Germinal Feijó, Paulo Zingg e eu, o único sem qualquer passado político. Nós demos meio de brincadeira a este grupo o nome pomposo de Grupo Radical de Ação Popular, GRAP, que hoje aparece até em livros de história... Quem vê pensa que era um aguerrido punhado de conspiradores e agitadores, mas na verdade apenas nos reuníamos aos domingos para discutir teoria política, analisar a situação, produzir documentos para nos esclarecer, além de participar de algumas ações contra o governo ditatorial. Foi importante para todos nós, e para mim foi uma escola de iniciação política. Cada um trazia a sua contribuição. Muito interessante, por exemplo, a de Paulo Zingg, que tinha sido integralista e saíra na famosa cisão liderada por Jeová Mota. Mais tarde ele se afastou de nós e nem quis entrar para o Partido Socialista, quando a Esquerda Democrática adotou este nome. Tornou-se janista, participou do golpe militar de 1964, foi até secretário de educação quando Janio foi prefeito pela segunda vez. Mas naquele tempo desenvolveu uma espécie de tenentismo de esquerda que nos ajudou a pensar o problema de um socialismo adequado ao Brasil, e não atrelado aos interesses soviéticos. Zingg era radical sob este aspecto e dizia: "Nós não temos que procurar modelos externos. Esse negócio de marxismo é coisa de fora. Temos é que estudar a tradição radical brasileira. Temos que canalizar a nossa tradição de lutas sociais radicais para definir uma esquerda democrática local".

Mas do ponto de vista teórico a grande influência foi a de Paulo Emílio, mais ligada à tradição socialista internacional e no entanto rejeitando tanto ao stalinismo quanto o trotskismo, considerados como soluções russas. No extremo estava Eric Czaskes, marxista ortodoxo e ferrenhamente internacionalista. A nossa atividade prática era mínima, mas um dia Paulo Zingg foi preso e passou 15 dias na cadeia por distribuir folhetos contra Getúlio Vargas, coisa que nós também estávamos fazendo.

No entanto, vimos logo que se quiséssemos passar para a ação com maior eficiência, era preciso nos juntarmos a algum movimento mais amplo. Aí, através de Costa Correia e Germinal entramos em contacto com os estudantes oposicionistas da Faculdade de Direito e formamos com eles a Frente de Resistência. Eram rapazes na maioria liberais, e alguns deles tiveram destino brilhante, como Roberto de Abreu Sodré, que foi governador do Estado. O que nos unia era a luta contra a ditadura. Tivemos bastante atuação de 1943 a 1945, inclusive editando um jornalzinho clandestino chamado Resistência, no qual eu colaborei e cujo principal responsável foi Luís Arrobas Martins, que depois foi secretário da Fazenda e do Governo. Era católico de idéias avançadas, combativo e com grande capacidade de liderança.

No começo de 1945 veio o fim da censura, com o afrouxamento do Estado Novo, e as oposições fundaram a União Democrática Nacional, UDN, cujo nome foi dado por Caio Prado Júnior e deveria abranger desde comunistas até

conservadores. Mas logo se deu a decantação, que repercutiu em nosso grupo. A Frente de Resistência se cindiu, indo os rapazes liberais para a UDN e nós esquerdistas fundamos a União Democrática Socialista, UDS, cujo principal orientador e aglutinador foi Paulo Emilio. Ficamos muito comovidos no momento da separação, porque apesar das tensões internas terem chegado a um ponto difícil de superar, tínhamos lutado e corrido riscos. Mas para nós foi também um alívio, porque agora não se tratava mais apenas de lutar contra a ditadura (o que favorece a união dos opositoristas apesar das diferenças ideológicas), mas de lutar pelo socialismo (o que leva à decantação ideológica). A UDS foi talvez o grupo político mais interessante de que eu participei. Era meio bagunçada, não tinha sede, mas tinha uma grande flama e as idéias fermentavam nas reuniões, que eram na casa de Paulo Emilio, cujos pais eram muito tolerantes. O manifesto é um documento excelente e foi escrito por ele, adaptando em sentido mais socialista o que já tinha feito para a Frente de Resistência. Mas a nossa capacidade de mobilização era pequena, por isso, quando se fundou no Rio a Esquerda Democrática, em agosto de 1945, nós resolvemos aderir e logo depois nos dissolvemos. A Esquerda Democrática, ED, era um agrupamento bem menos radical, de modo que um grupo de metalúrgicos da UDS não nos acompanhou. Eu também me desinteressei por um período e passei a participar de um pequeno grupo de operários gráficos liderado por Eric Czaskes, à margem da ED. Tiramos um jornalzinho mimeografado

intitulado Política Operário e estivemos juntos um bom tempo. Em 1947 a ED mudou o nome para Partido Socialista Brasileiro, e então, como disse, Paulo Zingg se afastou de nós para sempre. Paulo Emilio tinha ido para a Europa e nunca mais militou conosco, quando voltou em 1954. Do velho grupo de origem, o GRAP, ficamos Costa Correia, Germinal e eu.

P. R. - A Esquerda Democrática foi a "esquerda" da UDN?

A. C. - Não. Isto é um velho equívoco, que nasceu do seguinte: como ainda estávamos na fase de luta contra o Estado Novo e seus restos, como objetivo central, nos aliamos para fins eleitorais com a UDN, que era o grande partido oposicionista, e como ela apoiamos a candidatura Eduardo Gomes, contra a candidatura oficial do general Dutra. Em São Paulo, por exemplo, fizemos chapa comum de deputados federais, UDN-PR-ED, isto é, União Democrática Nacional, Partido Republicano e Esquerda Democrática. Nós tínhamos três candidatos nesta chapa, um dos quais era Germinal, mas nenhum foi eleito. No Rio foram eleitos três, que ao assumirem as cadeiras no Congresso anunciaram que se constituíam em agrupamento independente, ED. Esta é a verdade. Mas predomina a versão errada e não adiantam as nossas retificações. Não são raras essas deformações irremediáveis.

P. R. - O que lhe parecia mais negativo e mais positivo na política do PCB naqueles anos 40?

A. C. - Posso falar no ângulo do meu grupo. Nós pensávamos mais ou menos o seguinte: a Revolução de 1917 foi um marco fundamental na história da humanidade. Ela abriu a possibilidade de levar o proletariado ao poder, ou a participar efetivamente do poder, assim como a Revolução Francesa tinha feito com a burguesia. Mas essa conquista histórica foi desvirtuada. A União Soviética teve que se defender dos seus adversários e isto gerou uma ditadura de defesa, que aliás não aberrava da tradição russa de tirania constante, desde as origens medievais. Essa ditadura de defesa acabou sendo uma solução mais fácil e se tornou ditadura permanente, sem a justificativa do perigo externo, depois que acabou a guerra contra os brancos e a construção industrial já estava lançada. Formou-se uma casta burocrática da qual emergiu Stalin como chefe supremo, configurando-se uma ditadura implacável na qual se manteve muita coisa do socialismo, mas que era mais uma espécie de capitalismo de estado. Nós aceitávamos muitas das críticas de Trotski sobre a degenerescência do regime, mas enquanto ele dizia que apesar de tudo o socialismo ainda estava intacto na Rússia, nós achávamos que já estava comprometido, por causa do capitalismo de estado. E que devido a essa degenerescência do socialismo, a União Soviética tinha deixado de representar os interesses do operariado do mundo inteiro e o levava a se sacrificar em função dos interesses

dela. Portanto, se os interesses da União Soviética passaram a predominar sobre os interesses do operariado do resto do mundo, não se justifica, como faziam os partidos comunistas, inclusive o brasileiro. Além disso havia outra coisa: nós chegamos à convicção de que era um erro falar que a liberdade de opinião, o voto popular, a democracia política eram "valores burgueses", pois na verdade eram valores universais duramente conquistados por todo o povo, não apenas os burgueses. Por isso, suprimir a liberdade para construir o socialismo era uma coisa perigosíssima. Podia-se até admitir uma fase provisória de suspensão, mas não ao longo dos anos, como na União Soviética. Visto que nós estávamos saindo de uma ditadura no Brasil, tínhamos um alto apreço pelas liberdades, chamadas burguesas pelos comunistas, e achávamos que deviam ser mantidas antes de mais nada. Por isso nos dispusemos a fazer aliança com partidos burgueses que fossem capazes de preservar as liberdades, pois isso era uma reivindicação comum. Daí o apoio à candidatura de Eduardo Gomes, junto com a UDN, em 1945. E havia mais: tínhamos chegado à conclusão que a degenerescência do comunismo comprometera alguns dos valores mais altos que a civilização ocidental tinha conseguido, como o respeito à pessoa, o sentimento real de igualdade, o fim dos privilégios econômicos e sociais, a necessidade de serem os atos do governo amplamente conhecidos e debatidos. Portanto, éramos contra tudo o que caracterizava o stalinismo manifestávamos esta opinião com firmeza. Eu fui

encarregado pelo Partido Socialista de expor de maneira breve e clara quais eram os motivos pelos quais discordávamos do stalinismo, e o fiz em doze tópicos, publicados na Folha Socialista em 1947, desencadeando uma pancadaria grossa contra mim na imprensa stalinista. A propósito é preciso lembrar o seguinte: a nossa atividade naqueles anos enfrentava um Partido Comunista numeroso, aguerrido e violento, que não apenas procurava nos desmoralizar no plano do discurso falado e escrito, mas podia chegar à agressão material, como no caso de umas barracas eleitorais nossas que foram destruídas. Os jornais e revistas do PCB usavam uma linguagem por vezes brutal contra nós, e nas conversas os comunistas chegavam a nos ameaçar com o ajuste de contas quando chegassem ao poder, o que lhes parecia iminente, mesmo depois da cassação em 1947. É preciso não esquecer que nas eleições de 1945 o seu candidato, Iedo Fiúza, teve uma porcentagem significativa de votos. De modo que não era fácil a nossa tarefa. O PCB daquele tempo não era um partido pequeno e pouco expressivo, como hoje. Era poderoso, tinha chefes capazes e boa parte dos intelectuais o apoiava como simpatizante, além de muita simpatia por parte da classe média.

Falei das nossas divergências, que aliás não impediram uma ou outra aliança eleitoral no nível municipal; mas é preciso dizer que o PCB era o grande partido de esquerda naquela altura, enquanto nós nunca passamos de um punhado de socialistas democráticos cuja função histórica

foi definir e manter uma posição que o futuro provou ser justa, pois acabou sendo assumida pelo PT nos nossos dias. O PCB enquanto esteve na legalidade contou com deputados federais e estaduais que se destacaram pela honestidade, a combatividade, a eficiência e a dignidade parlamentar. Depois que foram cassados, o nível nos legislativos caiu muito, porque eles eram uma espécie de ponto de referência positivo.

P. R. - Como avalia nesse contexto o Testamento de uma geração e a Plataforma da Nova Geração, organizados respectivamente por Edgard Cavalheiro e Mário Neme?

A. C. - Creio que em 1942 Edgard Cavalheiro teve a idéia de entrevistar intelectuais que tinham vindo da década de 1920. Daí resultou o livro Testamento de uma geração, publicado em 1944 pela Editora Globo. Inspirado nisso, Mário Neme fez o mesmo em relação aos jovens que estavam começando. Elaborou um questionário, ao qual nós respondíamos. As respostas iam sendo publicadas semanalmente no jornal O Estado de São Paulo, em 1943, sob o título geral de Plataforma da Nova Geração, que conservou no livro em que as reuniu no ano de 1945, e que foi publicado pela mesma editora. As questões políticas tiveram de ser abordadas com jeito, porque a censura era feroz. A resposta mais política foi a de Paulo Emilio, que por isso não pôde ser publicada no jornal e só apareceu mais tarde no livro, porque a censura já tinha afrouxado. Um comunista como Mário Schemberg teve que

disfarçar bastante para poder passar. Na minha resposta fiz o mesmo, dissolvendo o que havia de político num contexto literário. Se lembro bem, a Plataforma não teve muita repercussão, e aliás nem foi uma coisa de grande importância. Para nós, o que valeu foi a leitura da resposta de Paulo Emilio, sem dúvida a melhor e mais rica pela originalidade da análise e dos pontos de vista.

Mas importante mesmo naquele tempo foi o 10. Congresso Brasileiro de Escritores, em janeiro de 1945, do qual participamos três do nosso grupo: Paulo Emilio, Paulo Zingg e eu. Foi realmente o momento da tomada de posição contra o Estado Novo por parte dos intelectuais de oposição, desde os liberais até os trotskistas.

P. R. - O senhor foi vice-presidente da Associação Brasileira de Escritores, ABDE?

A. C. - A ABDE foi fundada em 1942 no Rio sobretudo para combater o Estado Novo. Na primeira diretoria da secção de São Paulo eu fui 2º secretário. O presidente era Sérgio Milliet. Mais adiante, em 1949, fui presidente da secção paulista, não vice-presidente. Na minha sucessão houve uma disputa eleitoral renhida com os comunistas. Já tinha acabado a ditadura e nós entendíamos que a ABDE devia agora se voltar mais para os interesses específicos da literatura e da cultura, além dos profissionais, mas eles queriam transformá-la numa espécie de veículo das palavras de ordem do partido. Por causa disso houve uma racha tempos

depois e a associação se dividiu em duas. Só bem mais tarde voltou a haver uma só, a atual UBE, União Brasileira de Escritores.

P. R. - Quanto às influências do marxismo, quais foram os principais autores que vocês liam?

A. C. - No nosso grupo ninguém era realmente muito versado em marxismo, comparando com as gerações que vieram depois e eram mais informadas. Eu sofri muita influência do marxismo, mas nunca fui um marxista propriamente dito. O marxismo me interessou sobretudo como filosofia política, não como filosofia geral, nem como estética, embora ele possa dar contribuições importantes para qualquer setor. No meu tempo o marxismo parecia freqüentemente, além disso, uma coisa meio religiosa, abrangente demais. Numa conversa durante o 1º Congresso de Escritores, o jornalista comunista Pedro Mota Lima me disse: "É uma pena aplicar a designação de totalitário aos fascistas. Nós comunistas é que somos totalitários, porque temos uma concepção coerente e total do universo". Ele tinha razão. O marxismo é uma concepção total, que vai da filosofia da natureza, de Engels, até o realismo socialista em arte. Essa concepção total é poderosa e eficiente, mas restringe a liberdade de pensar e a abertura para a variedade do real. Portanto, repito: sofri a influência do marxismo e basta ler o que escrevo para ver isso; mas nunca fui marxista propriamente dito e nunca quis

me dizer marxista, para guardar essa liberdade, sobretudo no campo da arte.

Quanto aos autores que liamos, para falar a verdade a nossa formação era no começo muito superficial. Raros liam direito O Capital. Eu, por exemplo, só li a primeira parte, com sacrifício e entendendo pouco. Isto foi quando era aluno de 19 ano da Faculdade de Filosofia, no curso de Economia Política. Não tenho capacidade para Economia, e quem não tem não consegue ler direito O Capital. Em compensação li as obras políticas e as obras filosóficas de Marx. A que me influenciou mais foi a Ideologia Alemã, que li primeiro numa tradução inglesa incompleta ali por 1941. Li também muitos comentadores, alguns dos quais me marcaram, como Henri Lefebvre no livro Materialismo Dialético, em 1940.

P. R. - *E Thalheimer e Brandler?*

A. C. - Desses soube mais tarde, pelo Eric, mas só li uns poucos artigos do primeiro. Para voltar a sua pergunta sobre as nossas leituras básicas: liamos o resumo do Capital por Gabriel Deville, que dizem ser ruim, e também o de Julian Borchardt, parece que bem melhor. Liamos o livro de Max Beer que já referi, o Anti-Dühring, de Engels, o Tratado de materialismo histórico, e o ABC do comunismo, ambos de Bukarin, as Questões fundamentais do marxismo, de Plekanov e livros sobre a União Soviética. Creio que isso foi a nossa base nos anos 30. Daí partimos para outras leituras ao longo

dos anos. No fundo, nós tínhamos muitas certezas e pouca informação. Por isso mesmo, talvez fôssemos arrogantes, mas isso é necessário para a luta. O moço que não é arrogante e não quer salvar o mundo não merece o nome de moço...

Quero dizer também que nós liamos muitos livros que não eram marxistas mas levavam a uma posição de esquerda, inclusive os que falavam da Revolução Mexicana, que teve no nosso tempo um momento de novo vigor com o governo do Presidente Lázaro Cárdenas, de 1934 a 1938. Paulo Emílio se interessou muito pelas idéias de Victor Raul Haya de la Torre, o fundador do APRA. Liamos até um esquecido socialista argentino, José Ingenieros, sem falar de revistas francesas, como Europe. E é claro que liamos os livros de Lenin e os de Trotski. Eu diria até que acabamos sofrendo mais a influência deles do que de Marx e Engels, o que não foi bom. Deles e de outros autores soviéticos, como Alexandra Kolontai, Lunatcharski, etc.

Eu pessoalmente, no começo dos anos 40, tive muito entusiasmo pelos livros de Trotski, que é de fato um grande escritor, um escritor inspirado. Eu era crítico literário e escrevi um rodapé em 1943 ou 44 sobre a tradução da autobiografia dele, sem saber se a censura do Estado Novo deixaria sair. Mas deixou, o artigo saiu e alguns amigos meus que eram stalinistas ficaram danados, porque naquele tempo para os comunistas Trotski era sinônimo de demônio.

P. R. - *A Folha Socialista e a revista Clima tinham a mesma inspiração intelectual?*

A. C. - Não. Clima foi fundada em maio de 1941 mas só começou a assumir posições políticas em agosto de 1942, no número 11, quando o Brasil entrou na guerra. A politização propriamente dita só aparece no número 12, de abril de 1943, com um comentário da redação que na verdade foi escrito por Paulo Emilio e eu considero uma peça importante e inovadora. Está reproduzido no livro Paulo Emilio: um intelectual na linha de frente.

Clima acabou no fim de 1944. A Folha Socialista era órgão do Partido Socialista Brasileiro, e do grupo de Clima só colaboraram nela Lourival Gomes Machado e eu. Não houve nenhuma ligação causal entre Clima e a Folha Socialista, embora alguns do grupo da revista se tornassem membros do Partido Socialista, como Lourival, Décio de Almeida Prado e eu; ou simpatizantes, como Rui Coelho.

P. R. - *Além de marcar posições políticas definidas, no campo democrático socialista, qual foi, na sua opinião, a principal atuação de seu grupo na vida cultural e na Universidade?*

A. C. - Só indiretamente levamos para o campo da cultura a nossa atuação de socialistas democráticos, mas trabalhamos pela concepção do intelectual e do escritor como militante cultural, sobretudo por meio da ABDE, que controlamos na sua fase áurea. A nossa força era consequência da nossa posição,

que tínhamos também na universidade, isto é: respeito à autonomia da arte e da literatura, respeito à pluralidade de opinião, concebendo o marxismo como método aberto e não dogma. Assim pudemos levar para os diferentes setores em que trabalhamos uma concepção aberta, sem forçar a explicação por meio dos fatores de infra-estrutura, embora muito interessados nas implicações sociais da arte e da literatura. Do ponto de vista estritamente político a nossa preocupação central foi preservar a visão dos ideais revolucionários dentro de uma prática democrática, o que levava muita gente a caçar de nós e falar em "quadratura do círculo". Mas nesse tópico as opiniões divergiam dentro do meu grupo. Eu, como disse numa entrevista a Teoria e Debate, sempre estive disposto a aceitar períodos de transição, durante os quais um governo socialista ou de tendência socialista devesse tomar medidas excepcionais. Matar, não, é claro, mas fazer o necessário para não deixar os reacionários tomarem o poder, provocando um retrocesso. Porque, ou você faz a revolução, ou não faz. Se faz, é porque está convencido de que as suas idéias são justas, e portanto não pode deixar que os reacionários dominem, embora devam ter a liberdade de se manifestar. Depois de consolidado o poder, aí sim, o jogo democrático deve ser pleno, aconteça o que acontecer. E em qualquer fase deve haver atuação livre dos grupos democráticos que pensam diferente, devido ao direito de discordar, que é sagrado. No entanto, a maioria dos meus amigos não pensavam assim e não

admitia qualquer suspensão das normas democráticas plenas. Arnaldo Pedroso d'Horta costumava dizer que eu tinha esta posição porque nunca tinha sido membro do Partido Comunista e portanto nunca tinha visto de perto como eram as coisas; segundo ele, se eu tivesse sentido o peso da ortodoxia e da intolerância partidária, não pensaria assim. Talvez tivesse razão, e talvez eu pensasse assim porque só tinha participado de grupos abertos e tolerantes. Podia me dar esse luxo... Mas sempre achei, e acho que, pensando numa situação revolucionária hipotética, é admissível, não qualquer violência física, mas a suspensão transitória da rotina democrática, a fim de assegurar a construção da sociedade visada. Em teoria admito nesse caso a censura à imprensa, a proibição de partidos de tipo fascista e um governo autoritário. Mas tenho consciência dos riscos. De fato, quando há censura à imprensa, não se sabe aonde ela vai parar; se o regime proíbe os partidos de extrema direita, pode acabar proibindo todos os que discordam; se admitirmos provisoriamente um governo forte, podemos abrir caminho para a ditadura. Sempre reconheci esses perigos e não sei como agiria numa situação concreta. Estou falando num plano teórico e devo confessar que esse meu velho ponto de vista foi reforçado pelo contacto com Cuba, da qual sou grande admirador e onde já estive três vezes. Continuo a lhe dar o meu apoio e ainda no mês passado participei de uma atividade importante em Niterói[†], no quadro de um mês todo

† Seminário sobre Cuba, realizado em janeiro de 1992, em Niterói (estado do Rio de Janeiro).

dedicado a ela. Cuba tem muitos aspectos negativos que a meu ver são desnecessários e só se explicam pelo estado de cerco em que vive. Mas lá nunca houve a suspensão sistemática dos direitos humanos, como na União Soviética, e sempre houve uma espécie de democracia plebiscitária que é apreciável. Para mim, ela foi a lição que é possível realizar o socialismo em condições adversas no Terceiro Mundo. No momento a moda é ser contra Cuba e todos dizem que a revolução vai desmoronar. Pode ser. O que não acaba desmoronando? O essencial é operar a transformação e deixar sementes do irreversível. A Revolução Francesa durou no máximo dez anos, se tanto, mas o que trouxe ficou. Cuba socialista pode acabar daqui a seis meses, todo o pessoal de Miami pode voltar e tomar o poder, os Estados Unidos podem saciar a sua sede de vingança e transformá-la de novo numa sua semi-colônia, como antes. Mas eu penso que muita coisa vai ficar, o exemplo está dado e será impossível restabelecer integralmente a situação anterior, mesmo com o terror branco, que na América Latina faz o vermelho empalidecer. Neste caso extremo que espero não aconteça, ficará uma certeza, baseada na experiência: os cubanos fizeram funcionar nesta parte do mundo um regime socialista que elevou ao máximo possível o padrão de humanidade de seu povo. Com o auxílio da União Soviética, é claro, mas podiam ter pegado nele e feito o que fazemos com os empréstimos e auxílios externos, isto é, mantido a iniquidade social. Cuba usou o auxílio para instaurar o socialismo. Por isso é o

maior exemplo para o Terceiro Mundo, e isso me leva a ser tolerante com os seus aspectos negativos. Lá a imprensa é apenas cerceada, mas inexpressiva; os opositoristas precisam ficar quietos; não há pluralidade de partidos. Mas em compensação, foram estabelecidas as bases para a igualdade, a miséria acabou e (caso único na América) acabou a marginalização do negro, isto é, foi resolvido um dos nossos problemas mais graves e dolorosos, Apesar dos pesares, Cuba confirma a idéia que para instaurar o socialismo podem ser necessárias medidas de exceção; mas no seu caso já era tempo de superar esta fase. Isto não acontece porque o cerco americano impõe uma mentalidade de véspera permanente de guerra. Mas para terminar, note bem: o fechamento a que acabei de aludir, fechamento eventual dos momentos de construção revolucionária, é uma coisa dolorosa e excepcional, não uma necessidade permanente, como é para os fascistas e como acabou sendo no stalinismo.

P. R. - O senhor vê alguma saída para o regime cubano?

A. C. - Se o bloqueio americano parasse, seria possível prever uma abertura que fecundasse as conquistas revolucionárias e acabasse com as práticas de exceção. Mas é difícil prever. Uma coisa me parece certa: só por meio de uma reação atroz seria possível anular as conquistas feitas. Como acontece quase sempre, muitas delas ficarão de qualquer modo. Mas tenho dificuldade em analisar o futuro possível. No dia em que vi o Exército de Salvação distribuindo sopa

para o povo em Moscou, deixei de especular. O mundo que eu conhecia está acabando, por isso prefiro falar do passado. Mas continuo acreditando na vitória de uma forma de socialismo adequada ao tempo.

P. R. - Por que o senhor fala que tem um traço liberal? Seria devido ao seu trabalho com a literatura?

A. C. - De fato, o contacto permanente com a arte e a literatura devem ter ajudado uma posição de abertura, porque em princípio elas promovem o incremento da nossa humanização. Mas há um traço liberal que vem do meu temperamento, da tolerância que tenho espontaneamente em relação ao ponto de vista dos outros. Aliás, costumo dizer até mais do que isso: que tenho temperamento conservador, atitudes liberais e idéias socialistas, de modo que preciso conviver com as três tendências... Mas ninguém é simples, e a este respeito gostei de ler há muito tempo uma frase de Antero de Quental, que foi militante socialista, fundador da Internacional em Portugal e chegou a trabalhar como operário durante certo tempo por ânsia de coerência: "Em mim, só as idéias são revolucionárias. O temperamento é conservador". Um traço do meu liberalismo é a minha concepção de atitude do professor, que a meu ver deve ser de tipo liberal. Há professores segundo os quais devemos aproveitar a cátedra para pregar as nossas ideologias. Eu penso que não, como pensava também o grande socialista italiano Antonio Labriola. Acho que a universidade, sobretudo pública, deve

apresentar um leque de idéias para o estudante optar com liberdade. Mas é claro que vendo a maneira com que o professor apresenta os problemas e as noções ele percebe a sua posição. E isto é normal.

P. R. - *Gostaria de dizer mais alguma coisa para terminar?*

A. C. - Quero dizer o seguinte: como você está interessado em estudar o socialismo no Brasil, fez comigo uma entrevista política, tendo em vista a minha atuação no passado. Está certo e, como viu, tenho alguma coisa a dizer. Mas é bom repetir o que disse começo: não sou e nunca fui político e a política foi uma atividade marginal na minha vida de professor e intelectual. Nós falamos justamente sobre o período em que militei de maneira seguida e intensa, entre 1943 e 1954, quando cheguei a ser um dos dirigentes da secção de São Paulo do Partido Socialista e até candidato a deputado estadual. Mas entre 1954 e mais ou menos 1976 não tive militância, embora tenha tido atividades constantes de oposição ao regime militar a partir de 1968. Só voltei a atividades mais regulares no fim da ditadura, sobretudo a partir de 1980, no PT. Mesmo nesse tenho trabalhado pouco nos últimos anos, embora continue socialista convicto e membro fiel do meu partido. Mas com 75 anos, acho que já vou parando...

BIBLIOGRAFIA

ANEXO II

FOTOGRAFIAS



Repr.: L. Rocafteli

Os intelectuais da "nova geração", em São Paulo, junho de 1945. Da esquerda para a direita: Décio de Almeida Prado (crítico de teatro), Paulo Emílio S. Gomes (crítico de cinema), Carlos Lacerda (político), Lourival Gomes Machado (crítico de arte), Clóvis Graciano (artista plástico) e Antonio Candido de Melo e Souza (crítico literário).



Repr.: L. Rocateli

No alto, sentado da esquerda para a direita: Vellasco, João Mangabeira e Bayard Boyteux. Gesticulando, em baixo, Mário Pedrosa. Convenção do P.S.B. no Rio de Janeiro, provavelmente na década de 50.



Repr.: L. Rocafelli

Convenção do P.S.B. na década de 50. No alto, de terno branco, vemos Mário Pedrosa (intelectual, crítico de arte). Logo abaixo, da esquerda para a direita, Flávio Gikovate (filho) e Febus Gikovate (jornalista).



Repr.: L. Rocatelli

Convenção do P.S.B., 1953, em São Paulo. Da esquerda para a direita: João Mangabeira, Alípio Correia Neto, Oswaldo Melantônio e Domingos Vellasco.

Legenda: M.I. Cardoso

1. JORNAIS E PERIÓDICOS

1.1. JORNAIS:

FOLHA SOCIALISTA, 1947

VANGUARDA SOCIALISTA, 1945

FOLHA DA MANHÃ, 1942

O ESTADO DE SÃO PAULO, 1942

1.2. PERIÓDICOS:

CLIMA.

Cadernos CEMAP.*

Revista Brasiliense

Revista de Cultura Contemporânea.

Teoria & Debate.

Trabalhadores.

2. ENTREVISTAS;

ANTONIO CANDIDO, 1986, 1987, 1988 e 1992**

ROGÊ FERREIRA, 1986

FÚLVIO ABRAMO, 1986 e 1987***

* CEMAP: Centro de Documentação do Movimento Operário "Mário Pedrosa", Fac. de História, Universidade de São Paulo.

** Concedida à José Pedro Renzi e Marcos Antonio Picolo, S. Paulo.

*** Concedida à J. P. Renzi e Adalberto Vilela da Cruz, CEMAP, S. Paulo.

LIVROS/TESES

ALEM, S. F.

1988. CONTRIBUIÇÃO A HISTÓRIA DA ESQUERDA BRASILEIRA: O Partido Socialista Brasileiro (1946-64), S.P., Tese, (D).

ABRAMO, F. (org.)

1949. POSIÇÕES SOCIALISTAS, s.p., ed. do PSB.
1987. Entrevista concedida à José Pedro Renzi e Adalberto V. da Cruz, CEMAP, S. Paulo.

ANTUNES, R.

1982. CLASSE OPERÁRIA, SINDICATO, PARTIDO NO BRASIL: um estudo sobre a consciência de classe da Revolução de 30 até a ALN. S.P., Cortez.

BENEVIDES, M.V.

1989. O PTB e o Trabalhismo, S.P. Brasiliense.
1981. UDN e UDENISMO: AMBIGUIDADES DO LIBERALISMO NO BRASIL (1946-64), R.J., Paz e Terra.

CANDIDO, A.

1980. TERESINA etc... Paz e Terra.

1985. Educação pela Noite e outros ensaios, S.P. Atica.

1986. Entrevista concedida ao programa Memória Política, Rádio Cultura, CEMAP.

1987. Entrevista concedida à Professora Miracy Barbosa, S.P.

1992. Entrevista concedida à José Pedro Renzi e Marcos A. Picolo, S. Paulo.

CHACON, V.

1985. História dos Partidos Brasileiros, D.F. ed. UnB.

COLE, G. H. D.

1961. Historia del Pensamento Socialista, F. C. E., México, v. 7.

COSTA, D.

1954. O SOCIALISMO, R.J. Simões.

CARONE, E.

1981. Movimento Operário no Brasil (1945-64) S.P. Difel, V. II

1985a. A República Liberal I: inst. e classes sociais, (1945-64), S.P., Difel.

1985b. A República Liberal II: Evolução Política (1945-64), S.P., Difel.

CALIL, C.A. e MACHADO, M.T. (org.)

1986. PAULO EMÍLIO: UM INTELLECTUAL NA LINHA DE FRENTE,
S.P., Brasiliense/Embrafilme/Minc.

CERRONI, U.

1982. TEORIA DO PARTIDO POLÍTICO, S.P., Ed. C.H.

CHILCOTE, R.

1982. O P.C.B.: Conflito e Integração(1922-72), R. J.,
Graal.

DRACHKOVITCH (sel.)

1966. O Marxismo no Mundo Moderno, R.J., Zahar, espec:
SOUVARINE: 'Stalinismo'.

FACCIOLI, V. (org.)

1985. Breton-Trotsky: Por uma Arte Revolucionária
Independente, S. P., Paz e Terra/CEMAP.

FERREIRA, P. R.

1989. IMPrensa e Política, Orientação Socialista, S.P.
Ed. Moraes.

HARDMAN, F. e LEONARDI, V.

1991. HISTÓRIA DA INDÚSTRIA E DO TRABALHO NO BRASIL,
S.P., ATICA, 2ª ED.

GOMES, Angela de Castro.

1988. A INVENÇÃO DO TRABALHISMO, R.J., Ed.
Vértice/IUPERJ

HECKER, A.

1989. UM SOCIALISMO POSSÍVEL. S.P., T. A. Queiroz

GITAHY, M.

1992. VENTOS DO MAR: OS TRABALHADORES E O PORTO DE
SANTOS, S.P., Ed. UNESP/Pref. Santos.

GARCIA, M. A.

1985. "Contribuição para uma História da Esquerda
Brasileira", V.V. A INTELIGÊNCIA BRASILEIRA,
S.P., Brasiliense.

HIPPOLITO, L.

1985. PSD; de Raposas à Reformistas, R.J., Paz e Terra.

HOBSBAWN, E.

1985. REVOLUCIONARIOS, R.J., Paz e Terra, 2ª ed.

LEFRANC, G.

1974. O Socialismo Reformista, S.P. Difel.

LOUREIRO, M. I.

1984. Vanguarda Socialista (1945-48): História de um episódio de ecletismo no marxismo brasileiro, S.P., USP (Tese de mestrado).

LIMA, H.

- 1974 TRAVESSIA: MEMÓRIAS: R.J., J. Olympio.

LINHARES, H.

1977. CONTRIBUIÇÃO A HISTÓRIA DAS LUTAS OPERARIAS NO BRASIL, S.P., Alfa-ômega.

MANGABEIRA, F.

1979. JOÃO MANGABEIRA: REPÚBLICA E SOCIALISMO NO BRASIL, R.J., Paz e Terra.

MARANHÃO, R.

1979. Sindicatos e Democratização (1945-50), S.P., Brasiliense.

MARX, K.

1971. O 18 Brumário de Luis Bonaparte in: OS PENSADORES, S.P., ABRIL S/A.

MARQUES NETO, J. C.

1993. SOLIDÃO REVOLUCIONÁRIA: MÁRIO PEDROSA E A ORIGEM DO TROTSKYSMO NO BRASIL, S.P., Paz e Terra.

MELANTONIO, O.

1986. POLITICOLOGIA E OS SOCIALISMOS, S.P., Ed. Voz e Voz, v. 1.

MORAES, D. e VIANA, F.

1982. PRESTES: LUTAS E AUTOCRÍTICAS, Petrópolis, Ed. Vozes.

NEVES, L. A. D.

1989. O PTB: Do Getulismo ao Reformismo, S.P., Ed. Marco Zero.

PINHEIRO, P.S.

1991. ESTRATÉGIAS DA ILUSÃO (O PCB e a Revolução Mundial, 1922-37), S.P., Ed. Scharowz (Cia das Letras)

PINHEIRO, P. S. e DEL ROIO, M. (org.)

1990. COMBATES NA HISTÓRIA: A Trajetória de Heitor FERREIRA LIMA, R.J., Paz e Terra

QUARTIM, J. e REIS FILHO, D. A. (Org.)

1991. HISTÓRIA DO MARXISMO NO BRASIL, S.P., Paz e Terra, V. I.

REIS FILHO, D. A.

1990. A REVOLUÇÃO FALTOU AO ENCONTRO: Os Comunistas no Brasil, S.P., Brasiliense.

RODRIGUES, L.M.

1981. "O P.C.B.: OS DIRIGENTES E A ORGANIZAÇÃO" in HGCB: O BRASIL REPUBLICANO (1930-1964), S.P., Difel.

SILVA, H.

1976. 1945: PORQUE DEUSERAM VARGAS, R.J., Civ. Brasileira.

SODRÉ, N. W.

1984. CONTRIBUIÇÃO A HISTÓRIA DO PCB, S.P., Global.

SZMRECSANYI, T e GRANZIARA, R. G.

1986. GETÚLIO VARGAS E A ECONOMIA CONTEMPORÂNEA, Campinas, Ed. Unicamp.

SPINDEL, A.

1980. O PARTIDO COMUNISTA NA GÊNESE DO POPULISMO, S.P., Ed. Símbolo.

VINHAS, M.

1982. O PARTIDO: A LUTA POR UM PARTIDO DE MASSAS. (1922-74), S.P., Ed. Hucitec.